

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL N° 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Sociabilidade de 'matinee': cinema em tempos de modernidade



- Uberlândia (1937-1952)

Luziano Macedo Pinto

*Sociabilidade de 'matinée': Cinema em
Tempos de Modernidade - Uberlândia
(1937-1952)*

Uberlândia/1997

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA COHS
CAMPUS SANTA MÔNICA - Bloco 1 Q (Antigo Mineirão)
AV. UNIVERSITÁRIA S/N.
38400-902 - UBERLÂNDIA - M.G. — BRASIL

Luziano Macedo Pinto

*Sociabilidade de 'matinée': Cinema em
Tempos de Modernidade - Uberlândia
(1937-1952)*

Uberlândia/1997

Luziano Macedo Pinto

*Sociabilidade de 'matinée': Cinema em
Tempos de Modernidade - Uberlândia
(1937-1952)*

Monografia apresentada como
exigência parcial para obtenção do
título de Bacharel em História, à
Universidade Federal de Uberlândia,
sob a orientação da Prof^a. Karla
Adriana Martins Bessa

Uberlândia/1997

BANCA

Prof.^a Karla Adriana Martins Bessa

Prof. Dr. Alcides Freire Ramos

Prof. Dr. João Marcos Álem

*À memória de minha
mãe, Celeste, e do meu
irmão, Isaac,*

*À minha irmã
Noêmia*

Dedico este trabalho.

"Cinema é para mim (a arte posta de lado) uma evasão formidável. Dificilmente uma fita, por pior que seja, não me interessa e repousa... Essa coisa de ser o cinema uma sucessão de imagens na escuridão é muito importante. A escuridão é um estado altamente sedativo, quando tem a fecundá-lo algum princípio luminoso. Um foguinho brilhando na treva, que coisa fascinante! Eu posso ficar olhando um foguinho assim horas esquecidas. Na Inglaterra, quando as saudades do Brasil me batiam - muitas vezes de um modo insuportável -, a minha defesa era sempre essa: ou um cinema ou uma lareira acesa, no quarto às escuras. Cria-se imediatamente uma direção para vista que é um sentido eminentemente abstracionista, e uma fantasia para a imaginação. O que era saudade fez-se lembrança e o que era lembrança fez-se cinema. No fundo, o cinema é a fecundação da imagem subjetiva pelo primeiro fogo na treva. Poderia ter sido assim, com o homem primitivo..."

Agradecimentos

No período de agosto de 1996 a julho de 1997, ocorreram muitas coisas comigo: perdas, descobertas, desilusões, constatações, as quais de uma forma muito especial fizeram-me amadurecer muito. Este período talvez seja o mais importante, pois tive que encarar de perto a maior limitação do ser humano, “a vida”.

O fato de ser aluno bolsista muito contribuiu para a conclusão desta monografia, pois foi de fundamental importância o apoio financeiro para o seu desenvolvimento. Por isso, gostaria de agradecer ao CNPq pelo incentivo.

Em primeiro lugar, agradeço a minha orientadora, Karla Adriana Martins Bessa, pelo apoio e dedicação nunca negados nas horas solicitadas.

Agradeço também a todos(as) os(as) professores(as) que fizeram parte de minha vida acadêmica, em especial à professora Jane de Fátima [pelos empréstimos] e ao professor Alcides [pelas dicas].

Meus agradecimentos aos funcionários(as) do Arquivo Público Municipal em especial ao Luiz, a Adriana e a Josefa, a Vânia do Museu Municipal de Uberlândia, a Karen do DIASE, ao Velso do CDHIS e ao prof. Samuel da Geografia.

Agradecimentos especiais a Dn^a Bilá, Dn^a Tina e ao Sr. Baía, que muito gentilmente abriram as portas de sua memória e concederam os depoimentos que foram cruciais à realização deste trabalho.

Gostaria de agradecer aos(as) amigos(as) que me acompanharam nesta luta para concluir este curso, em especial ao Edimilson, Eduardo, Robson, Wagner, Marcos, William, Rosângela, Renisia, Déborah, Carmem e ao Márcio [pela atenção e correções].

O meu especial agradecimento ao Weverton [amigo e companheiro], pois sem o seu apoio e incentivo seria muito difícil vencer esta etapa... muito obrigado!

Enfim, agradeço a minha família, que sempre esteve ao meu lado, em especial a minha amiga e irmã Noêmia e o meu irmão Noé que, mesmo à distância, fizeram-se sempre presentes quando precisei, a Suzana e o Daylton, pelo início desta trajetória e ao meu pai, pelo apoio moral e incentivo. Embora a minha mãe não esteja mais ao meu lado, gostaria registrar que minha inspiração para abraçar esta profissão muito se deve a ela, por suas estórias, que tanto encantaram-me na infância e até hoje sobrevivem em minha lembrança.

Luziano Macedo Pinto

Ubelândia, junho 1997

Índice

INTRODUÇÃO	09
------------------	----

Capítulo I

<i>Na Poeira dos Arquivos</i>	16
-------------------------------------	----

Capítulo II

<i>Cotidiano: o Indivíduo e a Sociedade</i>	37
2.1 - <i>O Vai e Vem: e o Footing</i>	44
2.2 - <i>No Escuro do Cinema</i>	55

Capítulo III

<i>Nos Bastidores dos Cinemas:</i>	
<i>tramas e jogos políticos</i>	71
3.1 - <i>O progresso, a notícia e o repórter</i>	80

<i>Considerações Finais</i>	85
-----------------------------------	----

Bibliografia	88
--------------------	----

Introdução

“Estou no cinema. Assisto à projeção do filme. Assisto. Como a parteira que assiste a um parto e daí também à parturiente, eu estou para o filme segundo a modalidade dupla (e todavia única) do ser-testemunha e do ser-ajudante: olho, e ajudo. Olhando o filme, ajudo-o a nascer, ajudo-o a viver, posto que é em mim que ele viverá e para isso é que foi feito: para ser olhado, isto é, somente para ser pelo olhar.”¹

Em 1985, o diretor Woody Allen realiza a fantasia de muitas pessoas numa deliciosa comédia romântica, que mostra a confusão entre o “mundo real” e o “mundo da ficção”, sugerindo uma inversão entre a ficção e a realidade, em que o ator e seu personagem passam a fazer parte da mesma história. Em *“A Rosa Púrpura do Cairo”/The Purple Rose of Cairo (1985)*, uma dona de casa entediada com sua vida cotidiana, carregada de problemas, parece ver no cinema a sua única fonte de prazer. A personagem Cecília (Mia Farrow) vive o drama de ser uma garçonete casada com um alcoólatra, desempregado, que vive jogando e lhe batendo e, mesmo assim, ela o sustenta. Em meio a estes problemas, Cecília passa a ter como conforto apenas o cinema, o qual ela acredita ser capaz de fazer com que as pessoas esqueçam os seus problemas. Começa, então, a ver várias vezes o filme *A Rosa Púrpura do Cairo*, até que um dia, para o espanto geral, o galã, o personagem principal da história (Jeff Daniels) sai das telas durante a exibição e se declara apaixonado por ela. Todos no cinema não entendem bem o que está acontecendo. Ela aceita sair com o seu ídolo e passa a viver aquele sonho que tinha enquanto espectadora, que via nas histórias dos filmes uma forma de sair da sua realidade, uma vez que a vida não lhe era

¹ METZ, Christian. “História discurso: nota sobre dois voyerismos”. In: XAVIER, Ismail (org.). **A Experiência do cinema: antologia**. vol. nº 5. Rio de Janeiro: Graal: Embrafilme, 1983. p.406.

fácil, além de ter que conviver diariamente com problemas como a guerra, o desemprego a falta de amor entre as pessoas. Na ficção a vida era mais romântica, as pessoas eram bonitas, não envelheciam, tudo podia mudar de um dia para o outro. Num passe de mágica poderia ir de Nova York para o Cairo, Marrocos e Tânger e todos os lugares exóticos e românticos do mundo. Por outro lado, o ator tenta convencer o seu personagem a voltar para o mundo da ficção, pois com sua saída da tela os outros personagens da história não poderiam continuar com a trama e a sua carreira correria o risco de acabar.

Cecília, que vivia imaginando como seria a vida do outro lado da tela, passa a vivenciar as maravilhas que o cinema mostrava em “A Rosa Púrpura do Cairo”, com o galã Tom Baxter - *explorador e poeta* -, que era o tipo de homem perfeito: bonito, educado, sincero, amável e romântico.

A dona de casa que vivia “entediada” e que não sabia o que era ser amada, passa a ficar confusa a partir do momento em que precisa decidir-se entre o “galã perfeito” da ficção, “Tom Baxter”, e o ator, “Gil Shepherd”, pois todos os dois declaram-se apaixonados por ela.

Apesar do fascínio que a vida do cinema demonstra ser, Cecília prefere o galã do “mundo real”; mesmo tendo ouvido a personagem feminina que era apaixonada pelo Tom Baxter lhe dizer para ficar com o galã, pois ele nunca lhe mentiria. Esta dádiva do mundo real, que é a de poder “escolher”, não lhe será a melhor opção, pois ao sair de casa ao encontro do seu ídolo, descobre que ele foi embora assim que seu personagem voltou para a tela. Então, o que lhe resta é assistir ao filme seguinte e continuar sonhando com um mundo que não lhe foi possível, pois não lhe pertencia.

Com este enredo hilariante, Woody Allen soube muito bem entrar no universo imaginário de muitos espectadores, que encontram no cinema uma forma de se libertar da realidade cruel da vida, na qual tudo parece às vezes sem saída. Diante da grande tela branca, no escurecer do cinema, num verdadeiro passe de mágica, nos “deslocamos” para os lugares mais exóticos do mundo. No meio da escuridão, *um foguinho brilhante* nos leva ao encontro dos nossos sonhos mais secretos e de outros até então não imaginados.

É neste mundo repleto de fantasias, sonhos e aventuras, no universo do cinema, que pretendemos nos inserir, numa época em que a vida parecia mais romântica, e as pessoas, apesar das dificuldades da vida cotidiana, encontravam nas salas luxuosas dos cinemas sua principal forma de sociabilidade. Donas de casa, empresários, comerciantes, rapazes e moças se encontravam nas tardes de domingo, numa pequena cidade do interior de Minas, onde a vida parecia estar começando a mudar com a chegada de novas tecnologias. O cinema aparece então como uma forma de entrar em contato com o “mundo novo”. Em um “universo” de enredos nos quais o mocinho, de bom caráter, sempre acabava vencendo e a jovem mocinha acabava sempre encontrando o seu galã perfeito.

Para isso, nos remetemos aos jornais e revistas dos anos 30 aos 50, também realizamos entrevistas com as pessoas que viveram este período, que compõem juntamente com os “atores das telas” as emoções de uma época que não volta mais, e cuja recordação nos traz um certo ar de nostalgia.

Optamos pelo corte cronológico de 1937 a 1952, por este período marcar o momento em que Uberlândia teve maior número de inauguração

de cinemas, sendo que dentre eles, encontravam-se os, que foram os dois maiores cinemas da cidade, o “Cine Teatro Uberlândia”, inaugurado em 1937, com 2.200 poltronas e o “Cine Regente”, inaugurado em 1952, com 1.100 poltronas.

Assim como no mundo de Cecília (personagem), que vivia numa cidade pequena, nossos “atores” são também de uma cidade pequena que sonham com um mundo melhor, vivem um momento especial de euforia e crença de que, através do trabalho e da ordem, alcançarão o tão sonhado “progresso” previsto pela “modernidade”.

Neste sentido, procuramos, através da leitura destes documentos e do contato com alguns destes personagens, analisar a dinâmica, ou seja, como esta sociedade via a questão cultural, que perpassava este espaço de lazer, quanto às novas formas de pensar, agir, vestir, comportar-se e de relacionar-se com as outras pessoas.

Outro objetivo deste trabalho é perceber a influência do cinema, enquanto meio de comunicação de massa, na transformação da sensibilidade das pessoas, ou seja, estabelecer a relação entre o cinema e as alterações dos valores sócio-político-culturais e da “visão de mundo” dos espectadores.

Tendo em vista que foram os jornais e periódicos que assumiram um papel preponderante na divulgação e promoção dos cinemas e de representações sobre o cinema, esta monografia foi baseada nos mesmos. O levantamento dos jornais deu-se através da leitura e transcrição dos artigos que estavam, de uma forma ou de outra, relacionados com a nossa temática. Após a coleta dessas informações - através de uma “Ficha de Pesquisa” elaborada para este fim, separamo-nas de acordo com o seu tipo de

veiculação: notícias, crônicas, editais, anúncios e ilustrações, para podermos daí analisá-las. Os jornais e periódicos que pesquisamos são basicamente os seguintes: “O Progresso”, “A Tribuna”, “O Repórter” e as revistas “Uberlândia Ilustrada” e “Elite Magazine”.² Além destes documentos escritos pesquisamos os acervos fotográficos de Osvaldo Naghettini³ e o João Quituba⁴. Toda esta documentação nos trouxe pistas interessantes a respeito da “história” do cinema em Uberlândia.

Visando dar mais subsídios para realização desta monografia, realizamos algumas entrevistas⁵ com pessoas que estiveram de alguma forma ligadas a relação “cinema e sociedade”. Pretendíamos realizar mais entrevistas, porém não nos foi possível devido ao tempo e a alguns problemas pessoais não previstos.

² - Jornal “O Progresso”, fundado em 20/11/1907; nele encontramos notícias da primeira casa de diversões o “Cine Theatro São Pedro”.

- Jornal “A Tribuna”; nele encontramos algumas reportagens sobre os cinemas durante a décadas de 10 a 40.

- Jornal “O Repórter”; nele encontramos as crônicas do prof. Pedro Bernardes Guimarães e as colunas do colunista Angü de K. Roço.

- Revista “Uberlândia Ilustrada”; iniciou sua publicação em 1939; divulgava assuntos variados como: literatura, história, comércio, indústria, agricultura, pecuária, estatística e instrução. De publicação mensal, nela encontramos várias reportagens sobre os cinemas locais e a sociedade uberlandense.

³ Esta documentação encontra-se no Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Os jornais encontram-se encadernados, alguns restaurados e organizados em ordem cronológica, outros ainda carecendo de restauro. Devido ao estado de conservação dos mesmos eles não podem ser utilizados para fins de reprodução, o que nos obrigou a transcrever os artigos de nosso interesse. Já as revistas só é possível entrar em contato com as suas cópias, em virtude do mau estado de conservação e da escassez dos números disponíveis. Quanto ao acervo fotográfico Osvaldo Naghettini, apesar de ter passado por um processo de organização, tem ainda muitas fotografias sem catalogação, o que, entretanto, não nos impediu de adotá-las como parte da nossa documentação e o acervo João Quituba encontra-se todo catalogado por ordem temática. Para facilitar a coleta de dados nos jornais, elaboramos uma “Ficha de Pesquisa”, contendo um cabeçalho com as principais informações, como: fonte, tipo de texto - editorial, artigo, propaganda, reportagem, entrevistas e etc. -, anotando os dados que nos possibilitasse depois a correta citação dos mesmos. Foram pesquisados também no Centro de Documentação e Pesquisa em História - CDHIS - o inventário João Quituba.

⁴ INVENTÁRIO da Coleção. “João Quituba”. Núcleo de Pesquisa e Documentação em História e Ciências Sociais/Universidade Federal de Uberlândia: Uberlândia, 1989. 129p.

⁵ Foram realizadas três entrevistas: Dnª Bila uma *habituée*, Dnª Tina ex-funcionária C.T.U. e o Sr. Anísio (o Baía do “Cineminha do Baía”).

Vale ressaltar que esta monografia faz parte de um projeto de iniciação científica que ainda está em andamento, e, de acordo com as primeiras entrevistas que temos feito, podemos perceber claramente a importância de mais leituras, e principalmente de mais entrevistas, uma vez que para atingirmos os nossos objetivos, serão imprescindíveis os depoimentos dos “atores” que vivenciaram esse processo histórico.

Para o desenvolvimento desta monografia, utilizamos como referência o pensamento de vários autores, dentre os quais destacam-se Walter Benjamin, Adorno e Horkheimer e Agnes Heller sem, no entanto, seguir um percurso teórico-metodológico básico, pois o nosso objetivo era apontar algumas das várias formas de se pensar sobre o cinema.

No primeiro capítulo, “Na poeira dos Arquivos”, procuramos desenvolver um breve histórico dos cinemas locais, e, para uma melhor compreensão deste período, procuramos demonstrar a relação entre o desenvolvimento urbano e os cinemas. Nos noticiários, há sempre um elo entre a abertura de novos cinemas e uma alusão ao “progresso” local.

No segundo capítulo, “Cotidiano: o Indivíduo e a Sociedade”, procuramos transmitir ao leitor um pouco do que compreendemos como sendo “cotidiano”. Este capítulo vem subdividido em dois itens: 2.1. - “O Vai e Vem: e o *Footing*”, onde procuramos demonstrar como as relações estavam se desenvolvendo neste período, mostrando que por trás de uma “harmonia” aparece a problemática do preconceito. E no item, “2.2 - No Escurinho do Cinema”, tentamos analisar como se davam as relações sociais dentro do espaço dos cinemas.

No terceiro capítulo, “Nos Bastidores dos Cinemas: Tramas e Jogos Políticos”, apresentamos alguns conflitos que envolviam os donos de

cinemas e o poder público local. E no item 3.1 - “O Progresso, a notícia e o repórter”, analisamos a presença da imprensa enquanto divulgadora e formadora de opiniões.

Segundo o quadro estatístico da revista *“Uberlândia Ilustrada”*, durante o exercício do ano de 1939, 499.500 pessoas freqüentaram os cinemas de Uberlândia, dando uma média mensal de 41.625 e diária de 1.387. Para uma população de 18.000 habitantes, este número correspondia, na época, a mais de 27 (vinte e sete) vezes a população local. Para fazer um paralelo, a reportagem descreve que, no ano de 1937, os cinemas do Rio de Janeiro receberam um público de 23.408.687 pessoas, o que correspondia a menos de 14 vezes a população da cidade que, na época, era de 1.801.784 habitantes em média.

Estes dados, muito mais do que um mero estudo estatístico, servem para indagarmos a respeito da presença do cinema e das representações tecidas pela mídia da época a respeito desta presença tão honrosa para a cidade. Embora estes dados possam parecer até certo ponto exagerados, podemos com os mesmos, perceber o quanto os cinemas faziam parte da vida cultural da sociedade uberlandense.

Capítulo I



Na Poeira dos Arquivos

"O pano, a sala escura, uma projeção, o operador, tocando a manivela e daí temos ruas, miseráveis, políticos, atrizes, loucuras, pagodes, agonias, divórcios, fomes, festas, triunfos, derrotas, um bando de gente, a cidade inteira, uma torrente humana - que apenas deixa indicados os gestos e passa leve sem deixar marca, passa sem se deixar penetrar..."

João do Rio¹

O primeiro registro escrito do surgimento do cinema em Uberlândia data de 1908², quando a cidade ainda era denominada São Pedro do Uberabinha, com a passagem por essas terras dos "Bandeirantes do Cinema", se assim podemos chamar aqueles que, com os seus aparelhos Pathé Frères, saíam visitando as pequenas cidades e povoados, com seus extraordinários aparelhos, os "cinematographos". Distribuíam folhetos informando a sua programação diária, com exibição de vários filmes mudos e de curta duração - apenas alguns minutos -, proporcionando muito riso com suas cenas cômicas e divertidas, atraindo as pessoas através das suas imagens, muitas vezes trêmulas, mas que o público adorava. Estes *Cinematographos* eram montados em circos, barracões, ou até nos pátios das casas.

Georges Sadoul, em seu livro "O Cinema - Sua arte, sua técnica, sua economia", afirma que:

"O cinema é, antes de mais nada, um divertimento. Mas é também, sem que disso nem sempre se tenha consciência, um meio de instrução. Por intermédio dos filmes, sem sair da cidadezinha ou da vila onde vive,

¹ JOÃO DO RIO. Apud: ARAÚJO, Vicente de Paula. *A bela época do cinema brasileiro*. São Paulo: Perspectiva. 1976, p.9.

² Não temos nenhum outro tipo de registro (por enquanto) de outras formas de cinema que tenham passado por Uberlândia antes deste período. Porém, vale ressaltar que o "Theatro Polytheama" já havia apresentado por esta cidade antes. Sobre a chegada dos cinemas no Brasil ler:

ARAÚJO, Vicente de Paula. *A Bela Época do Cinema Brasileiro*. São Paulo: Perspectiva. 1976, 418p.

GOMES, Paulo Emílio Sales. *Cinema Trajetória: no subdesenvolvimento*. São Paulo: Paz e Terra. 1996. 111p.

o espectador aprende a conhecer alguma coisa dos países longínquos, toma contacto com seus costumes, suas paisagens, suas habitações, sua civilização.³

Aqui cabem algumas ressalvas. Primeiramente quanto ao tipo de “instrução” que se quer passar, pois sabemos que assim como as escolas não são neutras, participando do jogo de interesses que compõem uma sociedade hierarquizada e desigual como a nossa, não estariam os filmes, por seu caráter “instrutivo”, atentando e/ou servindo aos mesmos propósitos? Os chamados filmes “instrutivos” com certeza também participam da configuração dessas relações de poder e por isso são “politicamente” instrutivos.

Outro ponto importante diz respeito à “imagem”. A imagem vista em um filme, apesar de parecer um simples reflexo imediato do real, é forjada através da mediação da câmera e do seu operador (o homem) cujos objetivos, no caso do cinema comercial, vão mais longe; não é só o olhar rastreador e seletivo do diretor que está agindo, há também outros olhares, de outras pessoas que participam do processo e que também orientam a construção das imagens.

Em 1908 temos o registro de um anúncio no Jornal “O Progresso”, edição de nº 52, referente à apresentação do Cinematógrafo Pathé Frères “Theatro Polytheama”(Figura 01), o primeiro a se apresentar em São Pedro do Uberabinha, no pátio da casa do Sr. Firmino Grama. O texto publicitário dizia o seguinte: *“Mais um espectáculo no Theatro Polythema no pateo da casa do sr. Firmino Grama, no Largo do Mercado, com a exbição de quadros vivos, sem nenhuma tremidação o que se pode chamar verdadeiramente nítido, pelo melhor e único aparelho que tem vindo a esta cidade”*. Sua programação estava dividida pelos seguintes gêneros: comédia “Sobremeza Transformada”;

³ SADOUL, Georges. **O cinema: sua arte, sua técnica, sua economia**. Tradução por Alex Viany. 2 Ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil. 1954. p. 10. (Grifos nossos).

de vista “Bella Veneza”; de curiosidade “Dança das Nações”; infantil “A Fada dos Pombos” (colorido)⁴ e drama “Victima do dever”. Sobre a natureza destes espetáculos veremos que já havia toda uma preocupação com a *questão moral*, sendo comum nos anúncios observações como esta: “*A Empresa declara que seus espetáculos são exclusivamente moraes e instrutivos*”. Este fora o primeiro cinematógrafo a se apresentar em Uberlândia⁵, fazendo um grande sucesso entres os citadinos da época, com suas apresentações ao ar livre. Havia três tipos de ingressos: 2\$000 (dois mil réis) para os reservados; 1\$000(mil réis) para as arquibancadas (idênticas às de circo de cavalinhos) e 10\$000(dez mil réis) para os camarotes com 5 cadeiras. Sendo assim, desde os primeiros cinemas podemos perceber a tentativa de se dar uma comodidade e distinção aos espectadores, com a colocação de camarotes e reservados. Sobre esta “distinção” veja-se outras análises que serão feitas mais a frente, pois percebemos alguns conflitos nesta divisão proposta pelos proprietários de cinemas ou salas de exibição.

⁴ Desde os tempos dos filmes do Lumière, já se empregava a cor nas películas, que eram pintadas a mão, pelas mãos habilidosas das mulheres nas fábricas dos filmes de Lumière. Como exemplo, podemos ler o anúncio do “Theatro Polytheama”, de 1908, quando da sua vinda à Uberlândia. (Figura 01).

⁵ Talvez tenha passado por Uberlândia algum outro tipo de cinema (Cineographo, Vitascopio, Biographo, Cineographo entre outros) antes deste período, porém não encontramos nenhum registro que afirme este fato.

Theatro Polytheama

CINEMATOGRAHO PATHÉ FRÈRES

Empresa Luxemburgo

ORDINARIO E APERFEIÇOADO APPARELHO — Vistas firmes e sem tremor. Não encontramos a vista. GRANDE SUCESSO NOS LOGARES EM QUE É EXIBIDO

HOJE!

Os espetáculos principais a 8 horas em ponto
BILHETES A VENDA NA CASA DO SR. J. J. J. J. J.

HOJE!

Mais um espectáculo no Theatro Polytheama no pateo da casa do sr. J. J. J. J. J. no Largo do Mercado, com a exhibição de quadros vivos, sem nenhuma arcaização o que se pode chamar verdadeiramente nido, pelo m. l. h. o unico aparelho que tem vindo a estabelecer

PROGRAMMA

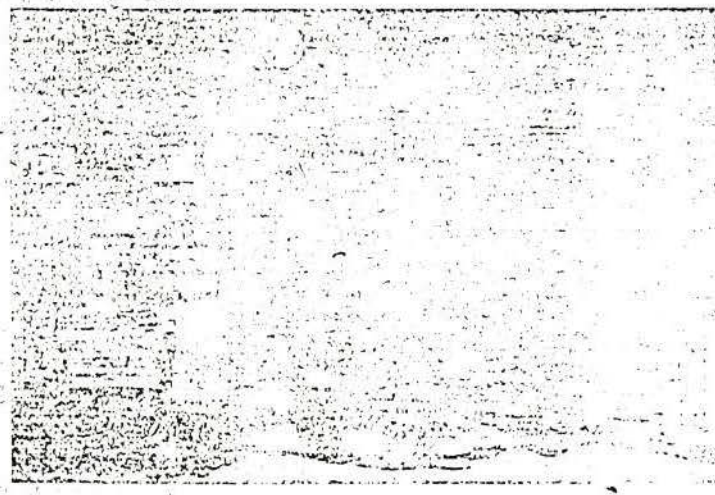
PRIMEIRA PARTE

1. Ouverture pela banda.
2. Sobremesa transformada (comica)
3. A namorada de um exército (comica)
4. Mundial amestrador (comica)
5. Mellão providencia (comica)
6. Victima do dever. Em chunho

trador vão fazer um pagamento a um cidadão, e, na estrada, o cidadão é roubado. Mais tarde o gatinho amestrador-se ao padre diz outro cidadão roubado o roubo. O padre não se dá conta da quantia para o roubo. O dono da casa volta, tem uma reunião e os cidadãos amestram o roubo. Todo momento o roubo custa de precipitação e um tiro: os gatinhos amestram na parilha do roubo e a parilha amestram a parilha, despara um roubo. O padre perdoador e a parilha de posse do dinheiro. O roubo é o roubo. Entretanto a parilha é presa para o roubo e a parilha de posse do pagamento. A parilha é presa quando outra o padre amestram e entrega a boia. Redressem a parilha e a família toda a parilha e a parilha de posse do padre, agradecendo a parilha e a parilha de posse do padre. Esta parilha é um roubo a parilha de posse do padre.

SEGUNDA PARTE

1. Ouverture pela banda
2. Bando de m. l. h. o unico
3. Bando de m. l. h. o unico
4. Bando de m. l. h. o unico
5. Metamorphose de m. l. h. o unico



TERCEIRA PARTE

1. OUVERTURE PELA BANDA
2. DANÇA DAS NAÇÕES (comica)
3. LABIOS COLADOS (comica)
4. A FADA DOS DEBILIDADES (comica)
5. FILHA DO SINEIRO

PREÇOS: Reservado 20000
Arch bancada 10000
Camarote com 5 cadeiras 10000
As archibancadas são identicas as do circo de cavallinhos.

Figura 01: Anúcio publicado no Jornal "O Progresso" de 13/09/1908, nº52

Depois, surgiu o cinematógrafo do Sr. Firmino, o “Iris Cinema”, montado em um barracão à Rua Silviano Brandão, que, mesmo com o mau tempo, conseguia atrair as pessoas para ver os seus filmes. Já em 1909, o Cap. Custódio da Costa Pereira inaugura o “Cine Theatro São Pedro”, em um prédio próprio, com colunas em estilo romano, um grande palco, 500 cadeiras, camarotes laterais e um bar ao lado, que vendia café, pastel e até uma “Antartica⁶ fria”, pois ainda não havia gelo. É bom lembrar que tudo isso acontecia em uma época em que a cidade ainda não dispunha de energia elétrica. O Cine Theatro São Pedro⁷ logo se transformou no principal local de sociabilidade para os uberlandenses, servindo de entretenimento para pessoas de todas as classes sociais.

O Cine Theatro São Pedro representou para a cidade um marco da “modernidade” e do “progresso”, e o Sr. Custódio Pereira passou a ser visto como o “pioneiro do cinema” em Uberlândia. O prof. Pedro Bernardes Guimarães lembra com saudades dos *“tempos idos”* em uma das suas crônicas sobre os cinemas locais, no jornal “O Repórter” do dia 30/01/1946, quando os astros da tela eram Eddie Polo e Max Linder - com sua cartolinha, seus sapatos e sua bengala -, tempo em que o cinema era mudo, mas o que não faltava era alegria. Havia também os dramas de capa e espada, “O Corsário”, “Milagres de Santo Antônio”, “*Tão ao sabor do gosto da época/(E de que o povo ainda gosta até hoje)*”, como o próprio cronista coloca. Havia também a banda “União Operária” tocando suas melodias simples, até que depois veio a inovação de uma orquestra, cujos regentes foram os senhores Donato, Lindolfo e Alínio França. Havia ainda inúmeros *quadros e apoteoses* apresentadas pelas companhias do “Canara”, do “Silva Terra”, do “Freire”, arrancando

⁶ Grafia de acordo com os jornais da época, pois optamos em preservar a grafia original em todas as citações.
⁷ Funcionava com motores de 10/15 cavalos produzindo uma bela iluminação.

corações românticos e despertando fortes emoções nos seus “*lances*” e “*tiradas*”. O Cine Theatro São Pedro servirá de socorro aos pobres enfermos, com suas acomodações, seu prédio, sua música e sua luz. Tudo de graça. Mas o progresso o levaria: “*E a cidade bizarra/A cidade dos jardins/Das Avenidas/Dos palacetes/Dos cinemas*” não o soube preservar. O cronista termina sua crônica descrevendo as mudanças que o tempo trouxe:

“O Teatro S. Pedro!

[...]

Suas 500 cadeiras.

*Suas **gerais e frizas** sempre repletas.*

A entrada custava 500 réis.

Em 31 de julho de 1920.

A Empresa Custodio Pereira fundiu-se com a do sr. Silvio Savastano.

Passou o S. Pedro a acolher tão só companhias teatrais.

Anunciou seu ultimo programa cinematografico.

*Filmes exibidos: __ **O Rasto do Polvo**, 7º e 8º episódios.*

No palco o prestigitador Mr. Max.

Exibindo caricaturas por transparencia.

Musica excentrica.

*Pintor **relampago**.*

Depois...

Depois veio a febre do progresso.

A Mogiana já apitava lá no cerrado.

*Os automoveis **dispararam** nas ruas e estradas.*

*Uberabinha recebeu o **crisma** de Uberlandia.*

*O cinema **falou**.*

O Yankismo apoderou-se da téla.

*Holiwood **matou o Pathé de Paris**.*

*Que exhibia as tragedias **caladas** de Francisco Bertinia.*

O Teatro S. Pedro.

Com sua entrada em uma rua .

Sua porta do palco em outra.

Predio espaçoso.

Deixou de sêr casa de diversões.

Para abrigar sacas de arrôz.

Deixou de divertir os corações humanos.

*E armazenou **lastro** para o estomago.*

*Em vez das maravilhosas **películas da Pathé Frères**.*

Das tragedias e comedias de companhias em tourné.

Das tonificavam o espirito.

Cereais, para alimentar o corpo.
 Sacudiu sua finalidade cultural.
 [...] Olhando no momento aquele casarão.
 Vasto de espectadores.
 Mas cheio de sacos de arrôz beneficiado.
 Ele revê seu dinamismo de mocidade.
 Com justo orgulho de emprego de suas energias.
 Avivadas em sua alma.
 Porque o prédio do Teatro S. Pedro é o atestado mosterial de sua
 ação benemérita.
 Ainda está **de pé**.
 Com sua fachada grega.
 E sua **lira** em relevo lembrando o que foi outrora.⁵



Foto 01: Fachada do Cine Teatro São Pedro provavelmente final da década de 40, com o Sr. Custódio Pereira.

As lembranças são fortes assim como a *tempestade do progresso* citada por Walter Benjamin, na metáfora do quadro do *Angelus Novus*, em que o *Anjo da História* não consegue impedir a tempestade que sopra levando o para o futuro, talvez por estar fraco devido à **febre do progresso**. Ele vê uma

⁵ GUIMARÃES, Pedro Bernardes. *Crônica da Cidade*. O Repórter, Uberlândia, 30 janeiro 1946, ano 13, nº 850, p. capa. (Grifos nossos).

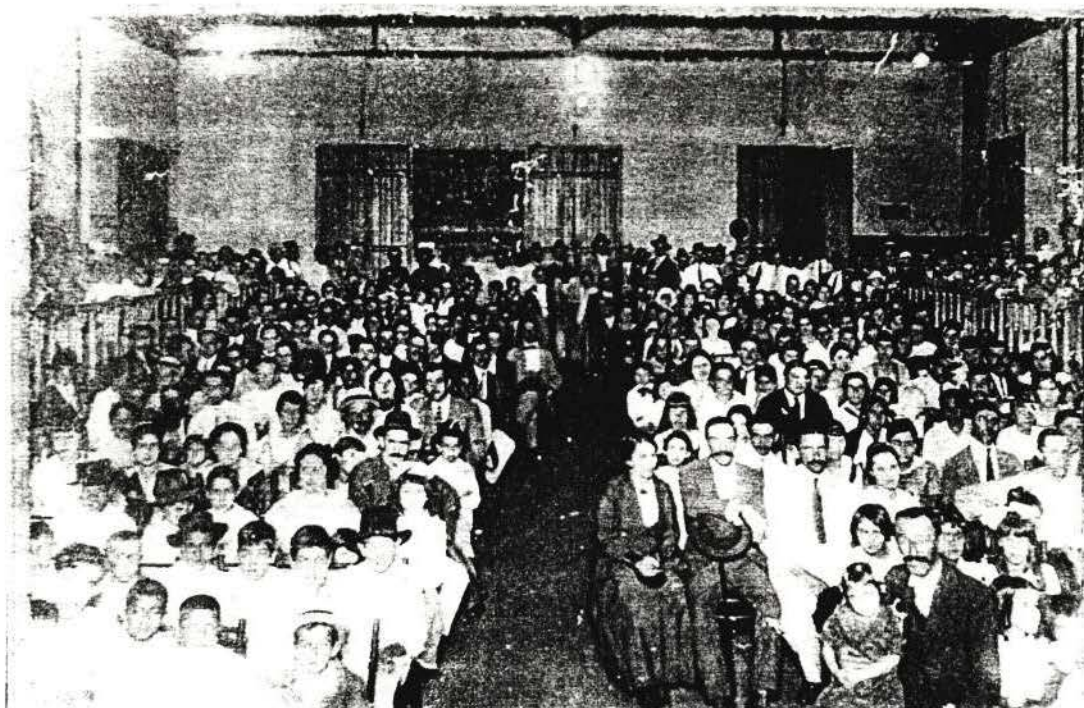


Foto 02: Vista interna do Cine Theatro São Pedro na sua inauguração em 28/11/1909.



Foto 03: Os primeiros espectadores do Cine Theatro São Pedro.

*catástrofe única, que sem cessar, acumula escombros sobre escombros, arremessando-os diante dos seus pés. Porém, esta tempestade é muito forte, e o Anjo da História não consegue impedi-la. O professor Pedro Bernardes faleceu alguns anos depois desta crônica. Porém, se tivesse vivido alguns anos mais, teria visto que o **progresso** levou o antigo cinema, palco de tantos acontecimentos na vida da cidade. O espaço que serviu de “alimento” para os “corações” das pessoas simples do interior não resistiu à *tempestade do progresso*.*

Em 07 de setembro de 1910, o Cel. José Theófilo Carneiro, que havia acabado de construir a 1ª Companhia de Força e Luz de Uberabinha, inaugura o “Cine Carneiro”. Este embora tenha sido inaugurado em uma nova fase do desenvolvimento da cidade, em que a energia elétrica já era realidade, não teve muito destaque na vida social dos uberlandenses.

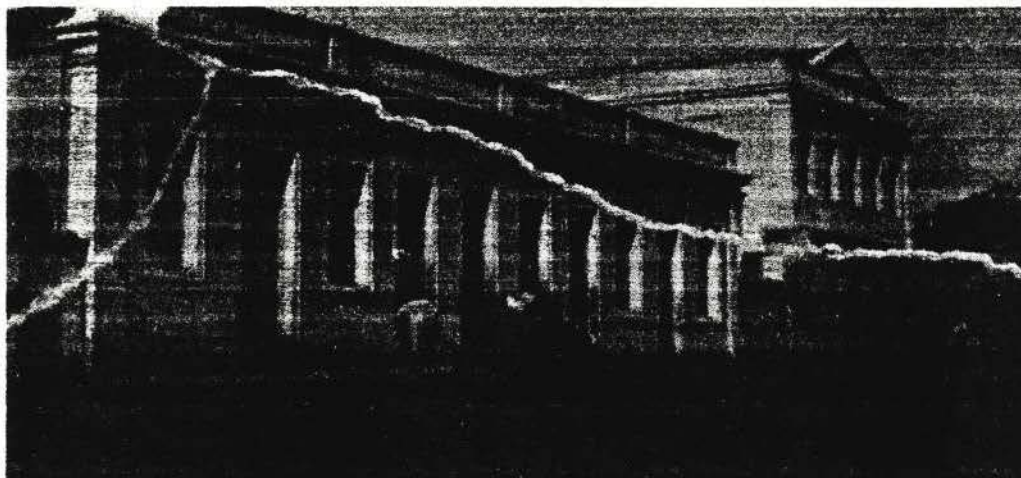


Foto 04: Fachada do Cine Carneiro.

Em 24 de dezembro de 1918, inaugura-se o “Cine Central”, de propriedade do Sr. Silvio Savastano, na praça Antônio Carlos (atual praça

Clarimundo Carneiro). Com sua galeria e suas poltronas de preços diferenciados, este também funcionara como cinema e teatro.



Foto 05: Fachada do Cine Central década de 20.

Porém, apesar da *já bastante adiantada Uberabinha* contar com dois cines-teatro (Cine Theatro São Pedro e Cine Brasil), ainda não sente satisfeitas as suas necessidades de terra "progressista", como podemos ver nesta reportagem do jornal "A Notícia", de 18 de maio de 1919.

"Quando ha nos cinemas locaes, qualquer outra coisa que não seja projeção de films, eu fico triste, triste porque vou. E nem posso deixar de ir, pois gosto de variações, coisa carissima e rara, nesta terra.

A minha tristeza aparece com a vergonha. Pois Uberabinha já bastante adiantada não era para ter um palco mellhor?

*É só subir o pano, a plateia toda, sem esforço, vê o que está por traz - zinco ou madeira - vê o que está nos bastidores: vê as tiras de taboas que suportam as lampadas nos altos do palco, vê... o que devia ver e o que não devia."*³

³ REPAROS. A Notícia, 18.05/1919, Ano 01, nº48.

Mesmo com os esforços do Sr. Custódio Pereira e do Sr. Silvio Savastano em trazer para a “progressista” Uberabinha um pouco de diversão e entretenimento com as suas casas, estas ainda não estavam a altura do desenvolvimento da cidade. Então, em 10 de outubro de 1928 o Sr. Joaquim Marques Póvoa, um grande comerciante, de origem portuguesa, que mantinha várias atividades no comércio local, inaugura o “Cine Theatro Avenida”, na “movimentada” avenida Afonso Pena, em um prédio próprio, de estilo suntuoso. Segundo o Sr. Baia¹⁰ - do “Cineminha do Baia” (1945 a 1959) -, o Póvoa “abocanhou todas as empresas produtoras de filmes americanas ou europeias.” Então, Póvoa passa a ter o monopólio desta atividade, contando com o apoio do Sr. José Pepper, que administrava o seu cinema.



Foto 06: Fachada do Cine Theatro Avenida provavelmente final da década de 20. Avenida Afonso Pena, 179

¹⁰ O Sr. Baia fazia propaganda para as casas comerciais da cidade, através do seu caminhão de som, que também servia como cinema “itinerante” projetando filmes nas ruas e praças, alegrando e divertindo grande parcela da população mais carente, provocando uma “afronta” aos empresários donos de cinemas.

Os especialistas são quase unânimes em afirmar que a “época de ouro” do cinema no Brasil foi nos anos 40 e 50. Em Uberlândia notamos que esta era se deu já no final da década de 30, quando, depois de um período sem novos cinemas, serão inauguradas sucessivamente mais três novas casas de diversões.

—▶ Em 1937, inaugura-se o “Cine Theatro Uberlândia”, de propriedade do Sr. Anibal Saglia, um empresário dono de uma rede de cinemas no Estado de São Paulo. O “Cine Theatro Uberlândia”, localizado na Avenida Afonso Pena, nº 273, transformou-se no grande “orgulho” dos uberlandenses, ocupando uma área de 1.800 m², com capacidade para 2.200 pessoas, com suas linhas sóbrias, retas, de arquitetura moderna, iluminação indireta e colorida, escadarias de mármore, forrado com celotex e com comunicação interna por telefone automático.



Foto 07: Fachada do Cine Teatro Uberlândia inaugurado em 15/12/1937

Obs: tem dois
bancos que
podem ser
coloridos
em 3 tons
depois de
lidos do
"Cine Theatro
Uberlândia".

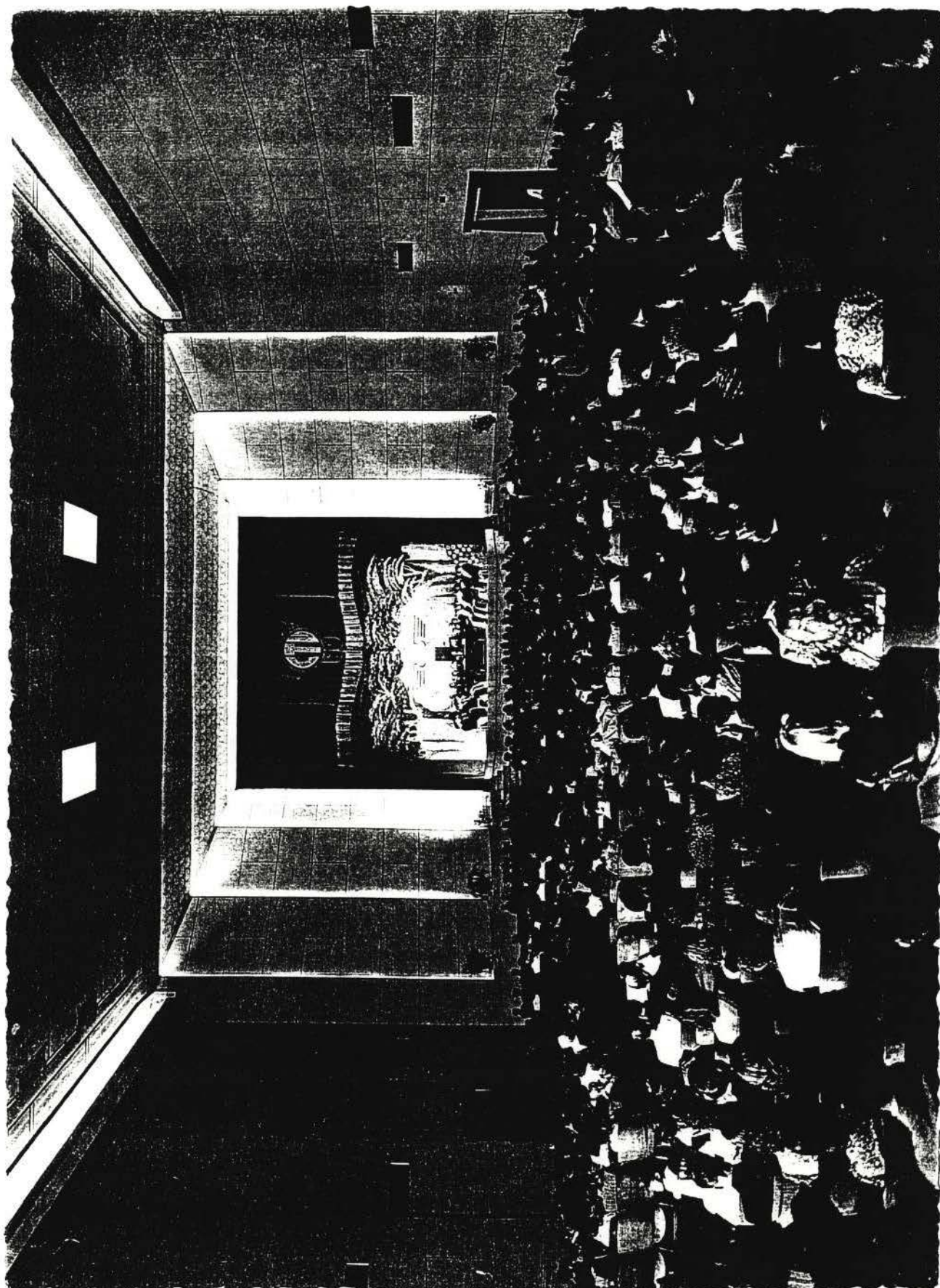


Foto 08: Palco do Cine Teatro Uberlândia durante uma apresentação de teatro década 30.

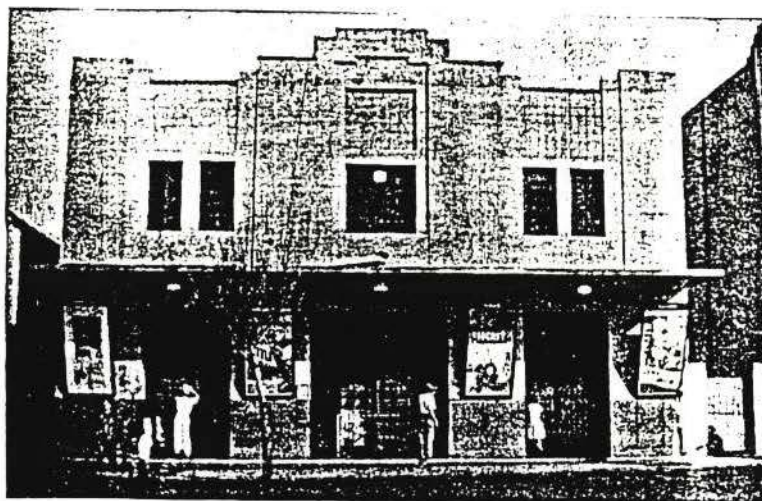


Foto 09: Fachada do Éden Cinema

Em 08 de janeiro de 1938, inaugura-se o “Éden Cinema”, localizado na Pça Oswaldo Cruz, com seus 1.100 lugares, de propriedade da firma J. Peppe & Cia. Este, apesar da sua construção ser mais simples, poderia ser considerado um cinema médio. Era de propriedade do Sr. Joaquim Povia e surge com o propósito de ser “o *paraíso de todos nós*”, como bem coloca Maria Helena Falcão Vasconcelos, em sua dissertação de mestrado “*Dias de violência - O quebra de janeiro de 59 em Uberlândia*”:

“Desde 1938 os espectadores uberlandenses formavam filas disciplinadas à porta do Cine Eden, aguardando ansiosos sua vez de adquirir um ingresso para o paraíso.”¹¹

¹¹ VASCONCELOS, Helena Falcão. **Dias de Violência - O Quebra de Janeiro de 59 em Uberlândia**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1993. p. 13. (Dissertação de Mestrado). A dissertação *Dias de Violência - O Quebra de Janeiro de 59 em Uberlândia* analisa a violência na estruturação dos agrupamentos sociais. Essa análise é feita a partir do desenrolar dos fatos ocorridos nos dias 18 e 19 de janeiro de 1959 em Uberlândia. Sobre o quebra-quebra de 1959 que acabou com uma rotina de uma cidade que era sempre colocada como “ordeira” e “pacata”, também lemos o artigo do professor Paulo Machado “*Uberlândia: Um Sucesso de Bilheteria*” e o artigo do professor Selmane Felipe de Oliveira intitulado “*O Quebra-Quebra de 1959*”, ambos publicados no **Caderno de História Especial**, volume 4, nº 4, de janeiro de 1993. Apesar desta temática não fazer parte do nosso corte cronológico, estas leituras foram muito úteis no sentido de elucidar um pouco mais a complexidade da dinâmica do convívio social dos uberlandenses. “*Jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo existe uma relação entre eles.*” CALVINO, Ítalo. Apud VASCONCELOS, Helena Falcão.

É neste universo, onde tudo parece possível de acontecer, que os espectadores irão se divertir, esquecer um pouco as dificuldades do dia-a-dia. E no escuro da sala de projeção estes espectadores serão convidados a uma espécie de “viagem”, como explica a antropóloga Heloísa Buarque de Almeida:

“Seja para fugir da realidade ou para buscar outras realidades, seja para entrar numa fantasia, ou para entender melhor o mundo em que vivemos e a alma humana, o cinema leva o espectador a uma viagem. Uma viagem que permite que se esqueça do sofrimento recente, o time que perdeu o jogo, a festa de aniversário chata na casa da avó, o tédio do cotidiano. Uma viagem que permite descobrir outros países e outros estilos de vida, que pode acrescentar, discutir, questionar. Mas que outras vezes assusta, pois o indivíduo pode ficar ‘vivendo a vida dos outros’, dos personagens, e esquecer a sua própria vida.”¹²

Essa “viagem” colocada pela autora é sem sombra de dúvida possível, mas chegar ao ponto de afirmar que o indivíduo, ou melhor, o espectador, esquece de viver a sua vida para viver a dos personagens é um tanto “perigoso”, pois ao assistirmos um filme podemos nos distrair do nosso mundo e nos transportarmos ao mundo imaginário do romance, porém esta evasão é temporária. Outro aspecto é que o ato de ir ao cinema não quer dizer que estejamos apenas consumindo um meio de comunicação de massa, há toda uma sociabilidade visível neste espaço, em especial nos tempos áureos dos cinemas, conforme veremos mais adiante.

¹² ALMEIDA, Heloísa Buarque de. *Janela para o Mundo: Representações do Público sobre o Circuito de Cinema de São Paulo*. In: *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Ed.USP/Fapesp, 1996. p.191.

Em 19 de julho de 1939, é inaugurado o “Cine Brasil”, localizado na Praça Antônio Carlos, com 650 lugares. Este cinema marca uma preocupação com a qualidade dos filmes a serem apresentados aos espectadores, num período em que esse ramo de atividade estava monopolizado nas mãos do Sr. Nicomedes, com o C.T.U. e o Cine Éden. A imprensa anuncia com entusiasmo e em tom de desabafo esta nova casa, que seria o terceiro cinema da cidade:

“O povo aguarda com ansiedade esse acontecimento, e que virá proporcionar-lhe o prazer de assistir por preços reduzidos films de programação cara.

Isso não se dá há muito tempo, desde que a empresa que explora esse ramo deixou de ter concorrente.

Estamos certos de que os <<abacaxi>> não serão mais anunciados, sob pena de <<darem na cabeça>>...”¹³

Apesar do número de lugares até expressivo dos 2 cinemas (3.300 lugares), estes apresentavam a mesma programação. Então, mais que um <<reclame>> este desabafo é facilmente compreendido, conforme veremos mais adiante em *“Nos bastidores dos cinemas: tramas e jogos políticos”*.

No final da década de 40, em 03 de julho de 1948, inaugura-se o “Cine Paratodos”, na Av. Vasconcelos Costa, num prédio modesto com 500 lugares, localizado em uma região que estava se destacando como um novo ponto comercial da cidade. Este cinema surge não só com a necessidade de suprir a carência de uma casa de diversão para uma área mais distante da cidade, mas também como um laboratório para segundos investimentos, contra o monopólio do Sr. Nicomedes. No panfleto com a programação da sua inauguração a empresa Paratodos Ltda, assumiria um compromisso formal:

“E, com a promessa formal de que, sendo amparada com a preferência do distinto público local, tudo envidará no sentido de, dentro do mais breve

¹³ O jornal “O Repórter”, em 11/06/1939, ano 06, nº 239, p. 3.

*espaço de tempo possível, tornar esse cinema agora simples e modesto - em magestosa e imponente casa de diversões, exibidora de todos os bons filmes das melhores marcas e procedências - ficam aqui expressos os agradecimentos da Empresa Paratodos Ltda.*¹⁴

E no início da década de 50, teremos o segundo maior cinema de Uberlândia, o "Cine Regente", instalado em prédio próprio, elegante, de uma arquitetura moderna, obedecendo a todos os preceitos que a técnica da engenharia recomendava, tendo sido chamado de "*Palácio Azul*", devido à cor das suas paredes internas. Este cinema, ao contrário dos 2 últimos que haviam sido abertos anteriormente com o propósito de tentar concorrer com o Sr. Nicomedes, da empresa Cine Teatro de Uberlândia Ltda, vem com toda a "força", não é tão luxuoso e requintado quanto o C.T.U., mas é um cinema grande, com contratos firmados com os grandes distribuidores de filmes e, por isso mesmo, capaz de ameaçar a hegemonia do Sr. Nicomedes.



Foto 10: Fachada do Cine Regente início da década de 50.

¹⁴ Texto retirado do programa da inauguração do Cine Paratodos, de 03/07/1948.

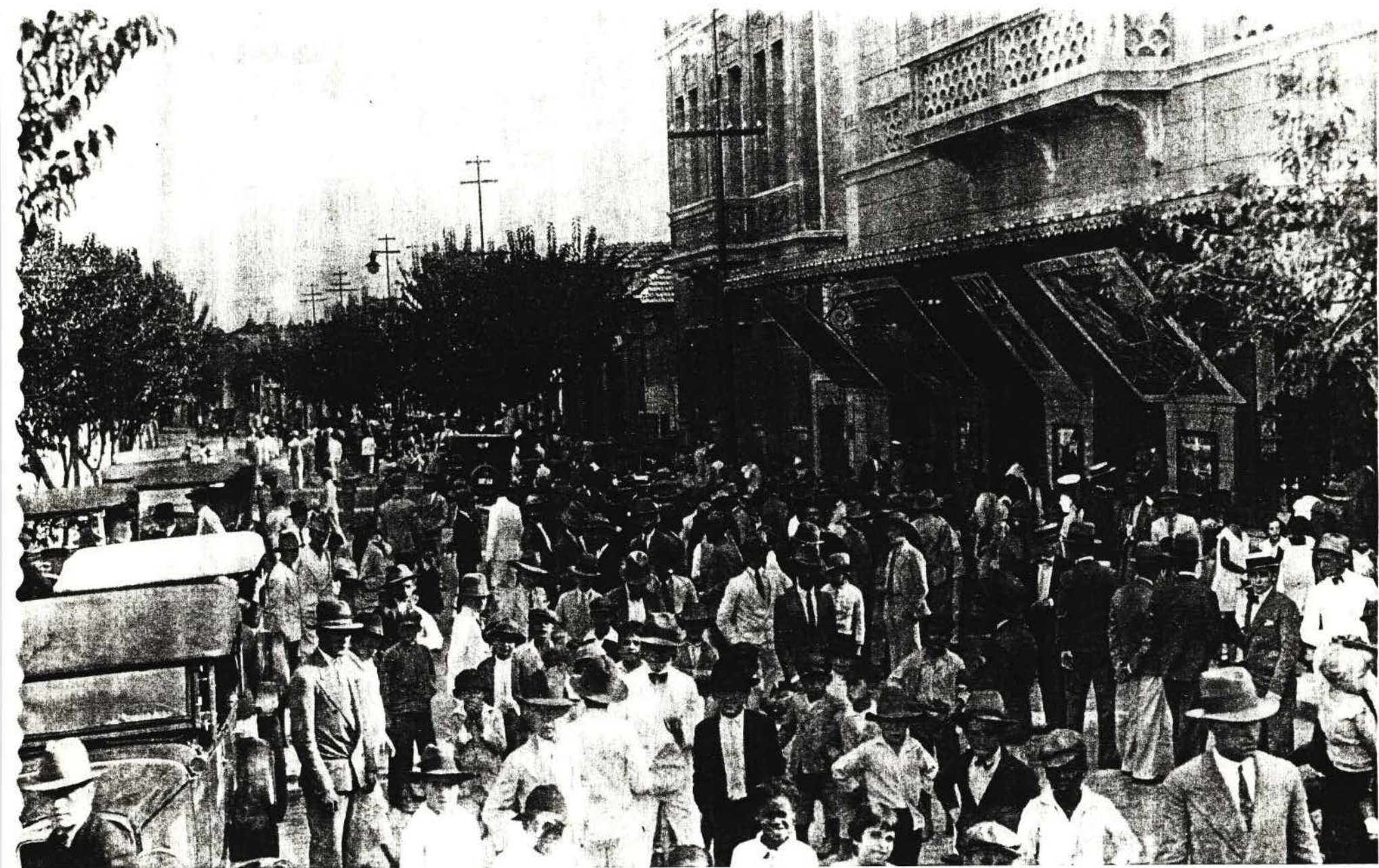
Estes foram os primeiros cinemas de Uberlândia (1908-1952). Alguns sobreviveram por um período mais longo, como é o caso do Cine Theatro São Pedro, do Cine Theatro Avenida, o Cine Teatro Uberlândia, que foi o maior cinema de Uberlândia e do Brasil Central (às vezes era citado pelos jornais como sendo o maior do Estado) e do Cine Éden, que foi um marco para o desenvolvimento na sua região. O Cine Regente, o segundo maior cinema que a cidade já teve, funcionou até pouco tempo, quando se transformou em templo da Igreja Universal. Temos também o caso do Cine Brasil, que funcionou por um período muito curto, menos de 1 ano.

Hoje nenhum destes cinemas existe mais, apenas o prédio do Cine Regente ainda permanece de pé, e encontra-se em péssimo estado de conservação. No seu hall de entrada ainda é possível ver as siglas da empresa fundadora, “CPT” - Companhia Paulista de Teatro. Como símbolo da mudança dos tempos, quando o cinema já não é mais a grande marca da “modernidade”, temos o caso do Cine Teatro Uberlândia. No lugar do seu suntuoso prédio, existe hoje uma instituição financeira (o Banco Bradesco). Aquele “antigo” signo do “orgulho” de uma geração tão próxima à nossa, já não existe enquanto tal para a maioria das pessoas. Mas, quando falamos desta existência, causa até um certo espanto, porque as pessoas não acreditam que “Palácios Cinematográficos” como estes existiram há tão pouco tempo.

Os cinemas em Uberlândia, assim como nas grandes metrópoles, estão hoje concentrados, na sua maioria, dentro dos shopping centers, em salas pequenas, e condicionados à dinâmica de consumo destes estabelecimentos cujo espaço físico é milimetricamente explorado, não havendo mais aquelas salas de espera confortáveis, onde outrora podia-se até dançar.

O propósito deste histórico sobre os cinemas locais não é tentar fazer apenas um histórico dos primeiros cinemas em Uberlândia, mas procurar demonstrar como, à medida em que estes iam abrindo, logo iam sendo incorporados aos ideais de progresso e desenvolvimento que moviam a cidade, assim como às mudanças de comportamento e anseios dos cidadãos.

Capítulo II



Cotidiano: o Indivíduo e a Sociedade

Agnes Heller¹ considera a explicitação dos valores como uma *tendência de desenvolvimento* e na constante oscilação entre constituição de valores e desvalorização, considera precisamente fundamental o crescimento de valor, considerando a história como desenvolvimento, em que a substância social aparece como substância em desenvolvimento. A autora define como valores as forças produtivas e como explicitação de valores a explicação dessas forças, como ela mesma coloca: *“já que essa explicitação significa, direta e indiretamente, aquela das capacidades humanas, na medida em que aumenta a quantidade de valores de uso - e, portanto, de necessidades humanas - e diminui o tempo socialmente necessário para a obtenção dos vários produtos.”*² Entre as temáticas abordadas por A. Helles em seu livro *“O Cotidiano e a História”*, a que melhor cabe aqui seria a discussão sobre a vida cotidiana, o que vem a ser esta cotidianidade. Neste sentido, a autora nos coloca:

*“A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genética a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais ‘insubstancial’ que seja, que viva tão-somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente.”*³

¹ Agnes Heller nasceu em Budapeste, em 1929. É atualmente pesquisadora do Instituto Sociológico de Budapeste -anexo à Academia Húngara de Ciências -, faz parte do conselho de redação da revista iugoslava **Praxis** e integrante da chamada Escola de Budapeste, formada pelos discípulos mais próximos de Georg Lukács.

² HELLER, Agnes. *Cotidiano e a História*. Tradução por Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972. p.8.

³Idem. (p.17).

Sendo assim, o homem, na sua vida cotidiana, coloca em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. Sendo que a vida cotidiana, segundo ela, divide-se em: a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação. E é esta vida cotidiana que tentaremos abordar. Como o homem se vê perante as mudanças que estão ocorrendo na sua vida cotidiana, com a presença massiva dos cinemas, o que isso vem mudar em sua “visão de mundo”. A princípio, o que percebemos é que os ideais do cinema hollywoodiano, de amor eterno, de liberdade, do espírito empreendedor, dos valores morais, do ideal democrático, do otimismo - em que tudo sofrerei mas hei de vencer -, estavam em sintonia com os ideais de progresso constituintes e/ou constitutivos das classes dominantes locais.

No entanto, estes ideais hollywoodianos não circulam apenas através dos filmes, mas como Meneguello coloca: *“O imaginário do cinema hollywoodiano está intensamente presente em cartazes de cinema (expostos em frente das salas exibidoras ou reproduzidos nas páginas finais dos jornais), em revistas especializadas e não especializadas em cinemas, álbuns, propagandas, músicas, críticas. O entendimento de cada um desses campos carrega discussões específicas, como a publicidade e a estrela, a estrela e seu público, a estrela sendo constituída e constituidora de subjetividades, a formação de referências estéticas e de comportamento.”*⁴

Neste sentido, nos faz lembrar o trabalho da professora Beatriz Ribeiro Soares *“Uberlândia: anotações sobre seu crescimento urbano”*, no qual a

⁴ MENEGUELLO, Cristina. *Poeira de estrelas: o cinema Hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, p.35.

autora desenvolve um estudo sobre as condições político-econômicas que forjaram o desenvolvimento da estrutura urbana da cidade de Uberlândia: *“A cidade enquanto concretização de modelos culturais, materializando momentos históricos, comporta conflitos e contradições que lhe impõem transformações, muitas vezes desvinculadas do entendimento e da expressão de seus construtores. Pensar a cidade, portanto, significa entender esse conjunto de idéias, atrelados à realidade que se quer estudar.”*⁵

Em meio a este universo o espectador encontra no cinema, em especial nos filmes hollywoodianos, uma válvula de escape para os problemas de sua vida cotidiana, na verossimelhança com os personagens das telas, em que todos os problemas e as tensões da vida podem sempre ser resolvidos no plano da vida diária. Daí talvez o grande sucesso de público dos filmes americanos, que através dos seus ideais, acabam “mascarando” e “amenizando” o sentimentos muitas vezes de impotência do indivíduo perante a “*barbárie*” da vida, que na realidade é muito mais complexa. No entanto, todo aquele ideal de progresso e desenvolvimento mostrado pelo cinema, muitas vezes não correspondem à realidade, onde o *tempo* histórico é irreversível e as transformações tecnológicas acontecem muito mais rápidas do que as sociais.

O espaço urbano vem sendo cada vez mais objeto de pesquisa nas diversas áreas do conhecimento. No caso do Curso de História, os trabalhos de final de curso têm adotado varias temáticas que estejam relacionadas ao espaço urbano como a formação de bairros, a questão da imigração, os deslocamentos de moradores para outros bairros devido à nova realidade das políticas habitacionais e outras, o que requer uma multidisciplinarização do

⁵ SOARES, Beatriz Ribeiro. *Uberlândia: anotações sobre seu crescimento urbano*. **Cadernos de História Especial**. v. 4, nº 4, Janeiro de 1993. p.49-62

conhecimento, em especial, um contato com as discussões teóricas da geografia, da antropologia e da arquitetura. Sendo assim, quando proponho falar da sociabilidade nos cinemas, logo vem a preocupação com esta questão do espaço urbano e os conflitos contidos neste espaço, como a própria divisão da cidade, em que as áreas mais afastadas são locais marginalizados pelo poder público, assim como a própria escolha de algumas áreas como ponto de referência para um suposto desenvolvimento, caracterizado pela melhoria de suas infra-estruturas de acordo com a vontade de uma determinada classe social em detrimento de outra. A partir da constituição deste espaço urbano vem a questão das relações sociais contidas neste espaço, a vida cotidiana em si, como a vida privada, a vida social, os lazeres, a religiosidade e outras.

Dentro deste contexto, buscamos compreender como este homem faz para conseguir se manter dentro deste universo social, porque *“o homem nasce já inserido em sua cotidianidade. O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade.”*⁶

No entanto, o homem aprende a ter este domínio a partir da sua vivência em grupo, só assim ele aprende a se comportar e/ou agir diante de determinadas situações. Neste “jogo” em que a vida coloca o homem, ele se transforma em um “ser particular” e “ser genérico”. Segundo Heller *“Na vida cotidiana, a esmagadora maioria da humanidade jamais deixa de ser, ainda que nem sempre na mesma proporção, nem tampouco com a mesma extensão, muda unidade vital de particularidade e genericidade. Os dois*

⁶ HELLER, Agnes. op.cit. (p.18).

*elementos funcionam em si e não são elevados à consciência.”*⁷ É neste aspecto que vem a importância de se pensar como o cinema fazia parte da vida das pessoas nas suas relações cotidianas, como os “*habitués*” - os frequentadores assíduos dos cinemas, estão sendo influenciados por estes, principalmente no caso dos filmes hollywoodianos, com suas temáticas desconectadas com a vida de uma cidade do interior de um país do terceiro mundo. O que notamos nos nossos estudos é que ao mesmo tempo em que os cinemas atraíam para suas salas pessoas das mais variadas classes sociais, com temas que muitas vezes estavam à frente das problemáticas sociais, como o amor, o sexo, o casamento, o divórcio, a religião, a educação, o preconceito e outros, as pessoas ainda não conseguiam aceitar muito bem estas discussões e preferiam ignorá-las.

⁷ HELLER, Agnes. op.cit. (p.22/23).

2.1 - O Vai e Vem: e o Footing

Toda cidade, das maiores às menores, sempre elege os seus núcleos de encontro e sociabilidade. Há sempre locais em que se reúnem determinados elementos de determinadas classes sociais. Estes núcleos variam de acordo com determinada época, mas ficam na memória das pessoas, pois retratam uma fase da sua história.

Seguindo esta escolha, os pioneiros dos cinemas no Brasil inauguraram em 1896 a primeira sala permanente de exibição no Rio de Janeiro, à rua do Ouvidor, local freqüentado pelos notáveis da época. Em Belo Horizonte, como não poderia deixar de ser, o primeiro cinema fixo foi inaugurado no ano de 1906 na rua Bahia, principal rua da cidade, uma vez que nela havia alfaiatarias, armarinhos, confeitarias, bares famosos, como o - Bar do Ponto - e cafés, como o - Café e Restaurante Paris . Era também o principal ponto de encontro dos poetas da capital mineira.¹ Estes locais mudam de acordo com o desenvolvimentos destas metrópoles.

Uberlândia, com uma vida social muito agitada, também tinha o seu núcleo social, a Avenida Afonso Pena, com suas lojas, restaurantes, bancos, livrarias, bares e cinemas. Como nos coloca o professor Pedro Bernardes Guimarães em sua coluna *“Crônica da Cidade”*:

“Querendo ver determinadas pessoas, é postar-se ali em horas apropriadas. Topa-se mesmo!”²

¹ SILVEIRA, 1996, Apud Alice de Salvo Sosnowski. CASTRO, Maria Céres e VAZ, Paulo Bernardo. *Folhas do Tempo: imprensa e cotidiano em Belo Horizonte 1895-1926*. Belo Horizonte: UFMG/Associação Mineira de Imprensa/Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997. p. 136.

² GUIMARÃES, Pedro Bernardes. *Crônica da Cidade*. **O Repórter**, Uberlândia, 02 junho 1943. p. capa.



Foto 11: Av. Afonso Pena em frente o Cine Teatro Avenida
“matinée” de domingo - final da década de 20.

Em meio a este cenário vamos encontrar o mais famoso cinema que Uberlândia já teve, o “Cine Teatro Uberlândia”, em pleno coração da “promissora” *urb*, e ao lado dos principais pontos de discussões e encontros da sociedade uberlandense, *ali* perto do “Bar da Mineira”, local de encontro dos pecuaristas, agricultores, homens de negócios; perto também do “Café Imperial”, como coloca o prof. Pedro Bernardes, “*desde o título, há certa feição mais calma e afidalgada, é da preferência do setor cultural em foco, em que professores, jornalistas e intelectuais tecem suas teses que variam ao infinito.*” Neste local, sentencia o nosso cronista, “*o prof. Nelson Cupertino descobriu vitaminas não estudadas nos laboratórios*”, em meio às discussões das notícias e análises literárias regadas ao sabor do *gostoso <<moka>> em cura bôra espumante*. Em meio a todos estes locais também aparece o “Bar Baiano”,

ponto da *miscelânea* democrática, onde se encontram as múltiplas classes sociais:

"A dupla tupy serve mais o café em pé do que o café sentado.

Gente do trabalho que foge uns instantes á oficina, para o <<lunch>> apressado da chicara de infusão, acompanhada de um pastel ou pão de queijo.

Junto ao macacão que uniformisa o operário, fregueses das classes que integram as múltiplas classes sociais.

São os três pontos principais e favoritos do uberlandense.

Ambiente sempre alegre!

Movimentado!

Expansão que se transmite em <<léros-léros>>, em comentários ora sérios, ora jocosos.

*E nesses recintos a alma do povo, deste povo ativo e construtor de Uberlândia, manifesta o otimismo que a faz sempre corajosa para a luta."*³



Foto 12: Avenida Afonso Pena década de 30.

³ GUIMARÃES, Pedro Bernardes. op.cit.

Em meio a todo este universo destaca-se como *locus de sociabilidade* o Cine Teatro Uberlândia, local onde *habitués* se desfazem das preocupações do *labor*, em que as preocupações do cotidiano “parecem” desfazer-se em meio às *viagens* que os *celulóides* proporcionavam, pois era em frente ao C.T.Ú. que o **footing** alcançava o seu *ponto máximo*. “Nas noites calmas **o vai e vem** no trottois onde todos se encontram e todos sorriem. Os clubes com os seus sarões *dansantes*. Mas sobre isso tudo... o cinemasinho delicioso. **Cinemasinho** é um modo afetuoso de se dizer... Cineminha é expressão íntima, carinhosa. Porque Você tem, Uberlândia, uma sala ampla no C.T.U.. E dela se orgulha com razão.”⁴

Após as sessões, acontecia um verdadeiro “**vai e vem**” de rapazes de terno e gravata, e moças com seus vestidos de baile e colares de pérolas, que passeavam pelas calçadas da Av. Afonso Pena ao lado do cinema. Segundo a Dn^a. Bilá:

*“Habitualmente o domingo em Uberlândia era cinema, era passear depois do cinema, fazer um **vai e vem** entre a esquina da Tubal Vilela e o Bar da Mineira. Os rapazes ficam perfilados ali no passeio e as moças caminham pra lá e pra cá. Então, ali trocavam os olhares combinavam alguma coisa e tal... e depois se encontravam no Uberlândia Club. **Este vai e vem ali era uma coisa quase que obrigatória.**”⁵*

Porém, esta harmonia que nos jornais aparecem na “*demoselle*” em que o “*footing*” dos domingos era compromisso *quase que obrigatório*, não era tão harmoniosa assim, pois havia um preconceito muito grande. Do outro lado da mesma avenida ficavam os negros, impedidos de participarem deste espaço, porque este era um lugar dos brancos da “*nata uberlandense*”. Esta parte da

⁴ GUIMARÃES, Pedro Bernardes. *Crônica da Cidade. O Repórter*, Uberlândia, 15 dezembro 1943. p. capa

⁵ Entrevista Dn^a. Bila (professora), uma “*hibituée*” que freqüentava muito os cinemas no período analisado. (Grifos nossos).

história, que os jornais omitiram, ficará bem clara nas entrevistas. Segundo a Dn^a Bilá mesmo na década de 40 havia esta divisão, em que “o racismo era uma coisa assim bem visível”, principalmente na avenida Afonso Pena. A princípio pensávamos que esta questão estivesse mais ligada ao início dos anos 20 quando os jornais noticiavam:

“Ouvimos diversas reclamações contra o comportamento de certos indivíduos no cinema central. É que o pessoal do <<galinheiro>>, durante as exhibições, por qualquer coisa _ um simples transe de drama, ou atoa _ um berra, grita, solta grancejos e piadas bobas. Ha noites em que a sessão se torna um verdadeiro inferno. É que toda conveniencia, para seus interesses, que o empresario daquela casa de diverções proíba estas cousas indecorosas.”⁶

O pessoal do <<galinheiro>> ao qual o reclamante se refere, ficava localizado mais ao fundo dos cinemas nos chamados **poleiros**. Com ingressos mais baratos, estes locais eram destinados não só àqueles que não tinham condições de pagar um pouco mais para apreciar o *celulóide*, mas também aos negros que não podiam sentar-se junto aos outros *habitués* (Ver Foto nº 15 p. 68). Conforme os entrevistados, este hábito prevalece até os anos 50. Segundo a Dn^a. Tina, porteira do C.T.U., mesmo na década de 50 este era o “esquema”. Ela conta que a primeira pessoa negra a freqüentar “O nosso Cinema” foi Dn^a. Dalva contabilista, que *era muito elegante*.

Neste sentido, o mito da cidade “ordeira e pacata” que a imprensa local sempre fez questão de tentar preservar, não condiz com a memória que alguns têm da época, como é o caso da Dn^a. Bilá, que até hoje não consegue compreender muito bem esta discriminação.

Segundo Heller, o preconceito é a categoria do pensamento e do comportamento cotidiano: “Os preconceitos sempre desempenharam uma

⁶ VÁRIAS. A *Tribuna*. Uberlândia. 07 de março 1920. capa. (Grifos nossos).

*função importante também em esferas que, por sua universalidade, encontram-se acima da cotidianidade; mas não procedem essencialmente dessas esferas, nem aumentam sua eficácia; ao contrário, não só a diminuem como obstaculizam o aproveitamento das possibilidades que elas comportam.”*⁷ Assim, os preconceitos são - parcialmente - produtos da vida e do pensamento cotidianos, de acordo com a autora.

Este preconceito que a Dn^a Bilá diz até hoje não entender bem, começa a sua gestão na infância em que: *“A primeira coisa observada pela criança são os modos de comportamento preconceituoso estereotipados e as racionalizações ou justificações dos mesmos feitas pelos adultos; só depois é que começa a sentir o ressentimento correspondente.”*⁸ Portanto esta aversão, intolerância a outras raças, credos, religiões e sexo, podem ser *individual* ou *social*, mas na maioria das vezes são de caráter social, o que de certa forma explica o fato de Dn^a Bilá não compreender o por que da separação dentro do cinema.

Isso nos remete à definição de Heller, na qual os preconceitos são obra da própria integração social (nação, camada, mas sobretudo da classe) que experimenta suas reais possibilidades de movimento mediante idéias e ideologias isentas de preconceitos. *“Os preconceitos servem para consolidar e manter a **estabilidade** e a **coesão** da integração dada.”*⁹

O *footing* da *demoiselle*, segundo o professor Pedro Bernardes, era uma “coisa maravilhosa”, em que os rapazes e as moças caminhavam em grupos para o <<footing>> da Avenida. As moças das lojas Goiana, Mundo

⁷ HELLER, Agnes. op.cit. (p.43).

⁸ Idem. (p.50).

⁹ Idem. (p. 53). (Grifos nossos)

Elegante, Pernambucanas, Livraria Kosmos, lojas Glória, no sétimo dia do seu labor, “apuram <<Toilettes>>. Esmaltam carinhosamente as unhas. Dão aos supercílios formas geométricas caprichosas.” E depois “Ataviam-se com <<balangands>> da alegria. E correm aos cinemas, felizes e nudosas. Aos grupos para o <<footing>> da Avenida... A turma de rapazes está todo o dia muito ocupada. Nos escritórios! Nos magazines! Nos bares! Articulam-se ao ritmo do comercio. Empresta o fulgor de sua mocidade ao movimento citadino... Mas domingo, lá estão na Avenida. Encasemirados! A gravata em rigoroso laço de estilo. Sorridentes! Vendo o bando de moças que passam. Que passam em vae-vem no <<trottoir>>. Que deixam no ambiente de festa o estonteamento da mistura de perfumes.”¹⁰

O C.T.U., com sua sala ampla, de arquitetura moderna, com linhas sóbrias, cortinas de veludo automáticas, atraía não só os uberlandenses, mas também os cidadãos das cidades vizinhas. Talvez esta freqüência fosse mais pela beleza do *Palácio Encantado* do que pelo envolvimento com os próprios filmes.

Para compreendermos um pouco do fascínio despertado pelos cinemas, temos que levar em conta outros aspectos. Além dos filmes, com seus enredos diversos, havia também as associações e representações feitas a partir de suas luxuosas salas, os cartazes, a movimentação de pessoas, a possibilidade de encontros com a pessoa desejada - o flerte -, a atualização com as novas tendências da moda e o ver e ser visto. Sem contar as sessões especiais, tais como: “Sessões das Moças”, “Sessões dos Operários”, os “Vesperais Dançantes” além das solenidades que eram ali realizadas e acabavam por atrair as pessoas para uma sociabilidade contínua.

¹⁰ GUIMARÃES, Pedro Bernardes. *Crônica da Cidade*. O Repórter, Uberlândia. 27 outubro 1943. p. capa

Por não dever nada aos cinemas de outras cidades e até de algumas capitais, o “*palácio encantado*”, orgulho dos uberlandenses, dá razão à fala do professor Pedro Bernardes em sua crônica sobre o aniversário do “*Nosso Cinema*”:

*“Pois hoje é o aniversario do C.T.U.
É dia seu Uberlândia.
E com Kathryn Grayson, Van Heflin, Marsha Hunt, Cecilia Parker,
Peggy Moran.
Tudo isso nas <<Sete Noivas>>.
Estou vendo a bilheteria exgotada.
O Cartaz é soberbo.
E esse aniversario não pertence ao Sr. Nicomedes.
Nem ao Ruy!
Nem ao Quidinho!
Nem ao matematico contabilista José de Aquino.
Nem das gentis senhoritas da bilheteria ou das amáveis poradoras de
lanternas que descobrem logares vagos na platêa.
Nem dos porteiros e mais auxiliares da casa.
Esse aniversario é seu, Uberlândia.
Faz parte das realizações admiráveis do que você se ufana.
Reservados os direitos de propriedade...
O C.T.U. é do seu patrimonio artístico.”¹¹*

Ir ao cinema depois do jantar era como *a sobremesa da sessão diária, com o cardápio da Metro ou da Fox*. Era certeza de assuntos palpitantes na manhã seguinte, a caminho dos ginásios, do trabalho nas fábricas e escritórios. Talvez aqui fosse pertinente a comparação com a Cecília (do filme), juntamente com a Dn^a Bilá e tantas outras mulheres que se encantaram com as formidáveis histórias das “Sessões da Moças”, sem contar os deliciosos seriados que muitas vezes atraíam mais atenção do que os próprios filmes. Ou como comenta Vinícius de Moraes na sua crônica “Revendo um velho álbum de artistas”: “*Abro hoje o velho álbum, como sempre. O papel amarelado, as fotografias*

¹¹ GUIMARÃES, Pedro Bernardes. *Crônica da Cidade. O Repórter*, Uberlândia, 15 dezembro 1943. p.capa

azuladas, às vezes castanhas, os chapéus, os vestidos, as poses, nada se gastou. É um mundo diferente, bem certo, menos trágico, mas muito mais persuasivo. Tudo nele é convite a viver e não a esquecer. Existia o milagre, a arte, a emoção, o ator de cinema, mais importante que o colégio, o dever, o professor, não importa o quê de sério."¹²

Porém, este hábito não era assim tão bem visto, algumas pessoas questionavam esta *paixão pelo mundo encantado* da telona. Como nos sugere este desabafo do Peregrino - provável pseudônimo -, intitulado "*O Mal do Cinema*" que, apesar de se referir à questão do cinema e do teatro, coloca uma frase que ilustra bem o *habitués*:

*"Em Uberlândia o cinema é um mal incurável. As estatísticas accusam um número espantoso de gente que quotidianamente gasta, muita vez, o dinheiro do almoço do dia seguinte para ter o prazer de assistir às proezas de Ken Maynard, ou as românticas conquistas de Robert Taylor. É motivo de justificado orgulho para os uberlandenses, o dizer-se que, mais ou menos sessenta contos de reis passam, mensalmente, pelas bilheterias dos nossos cinemas."*¹³

Esta febre pelo cinema talvez poderia se melhor compreendida de acordo com a análise de Adorno e Horkheimer em "*O Iluminismo como Mistificação de Massas*", onde a junção de palavras, música e imagem paralisa a faculdades mentais do indivíduo. De onde concluímos que, para a indústria cultural, aquela "*velha experiência do espectador cinematográfico para quem a rua lá fora parece a continuação do espectáculo acabado de ver - pois este quer precisamente reproduzir de modo exato o mundo percebido de todo dia - tornou-se o critério da produção (...)* A vida, tendencialmente, não deve mais poder se distinguir do filme. Enquanto este, superando de fato o teatro

¹² MORAES, Vinicius de. In. Calil, Carlos Augusto (org.). **O cinema de meus olhos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991. p. 204.

¹³ PEREGRINO. *O Mal do Cinema*. **O Reporter**, Uberlândia, 03 julho 1938. p. 04.

ilusionista, não deixa à fantasia e ao pensamento dos espectadores qualquer dimensão na qual possam - sempre no âmbito da obra cinematográfica, mas desvinculados de seus dados puros - se mover e se ampliar por conta própria sem que percam o fio e, ao mesmo tempo, exercita as próprias vítimas em identificá-lo com a realidade."¹⁴

Estes espectadores acabam, segundo Adorno e Horkheimer, se satisfazendo com a produção do *sempre igual*, vítimas que são do *amusement* excludente do novo, pois os "*cineastas consideram com suspeita todo manuscrito atrás do qual não encontram um tranqüilizante best-seller*". O novo não é aceito, e aquele que tentar sair deste crivo será automaticamente esmagado. A indústria cultural permanece sendo a indústria do divertimento, e a obtenção do *prazer* exige que o espectador se prive de qualquer tipo de *exercício intelectual*, obrigando-o a permanecer no âmbito das associações habituais.

Adorno e Horkheimer tecem estas considerações a partir de uma perspectiva crítica, segundo a qual o capitalismo e a modernidade interferem cada vez mais significativamente nas relações humanas, tanto no *labor* como no *ócio*, e, *servindo-se* da indústria cultural levam o indivíduo ao *conformismo*, inibindo a sua capacidade transformadora.

Para Walter Benjamin, o cinema nos possibilitou conhecer um universo até então despercebido. Através das muitas tomadas, podemos perceber gestos antes não percebidos, desenvolvemos uma nova sensibilidade. Porém, ele nos alerta: "*...Enquanto o capitalismo continuar conduzindo o jogo, o único serviço que se deve esperar do cinema em favor da Revolução é o fato de permitir uma*

¹⁴ ADORNO Theodor W. e HORKHEIMER, Max. **A indústria cultural: O Iluminismo como mistificação de massas.** In: Dialética do Esclarecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1985, p. 165.

crítica revolucionária das antigas concepções da arte. Ao dizer isto, não negamos absolutamente que ele possa, em certos casos particulares, ir ainda mais longe e favorecer uma crítica revolucionária das relações sociais, inclusive do próprio estatuto da propriedade."¹⁵

Então, como ver este cinema que atrai tanto os espectadores mais simples, como operários, donas de casa, estudantes e outros, que não tinha uma formação maior? Será que devemos vê-los apenas como uma *massa* alienada? Ou será que esta *massa* tinha consciência das armadilhas deste universo da indústria cultural, pelo menos para não se deixar levar totalmente e se tornar uma massa conformista?

¹⁵ BENJAMIN, Walter. **Sobre alguns temas em Baudelaire.** "A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução" In: Benjamin, Horkheimer, Adorno, Habermas: Os Pensadores vol. XLVIII. São Paulo: Victor Civita. 1975, p.226.

2.2 - No Escurinho do Cinema

"Ele: _ Gostou da fita que foi exibida hontem?
_ Muito. Gostou também?
_ Parte. O cenário encantador! Aquele quadro...
_ Diga. Eu já sei o qual você quer se referir.
_ Aquele quadro que podia ser intitulado 'Chuva de beijos!' Que beijos demorados! Que expressão de desejos!
_ Não me faça recordar! Cale-se! Que beijos! Oh! que beijos!... Estou com os lábios doloridos até agora.
_ Você beijou também?
_ Não beije. Naquela hora eu mordía os lábios de tanta vontade."¹

Em frente à tela, no escurinho dos cinemas o que "rola" não é apenas os filmes nos projetores. No clima confortável das luxuosas salas de projeção, com suas cadeiras aveludadas, muitas vezes os dramas e malabarismos dos filmes passam despercebidos, assim como as ousadias dos galãs muitas vezes são também ali tentadas pelos aprendizes de "conquistadores". Em meio a esta atmosfera impregnada de sonhos e paixão, a mocinha acanhada muitas vezes acaba deixando de lado um pouco de sua timidez, e aceita o olhar nada ingênuo do *boy* ao seu lado, que quer se aproximar. Isto faz lembrar o filme "*A última sessão de cinema*" (The Last Picture Show, EUA, 1971, diretor: Peter Bogdanovich.), cujo enredo toma como ponto de partida a última sessão de cinema do único cinema da cidade. Este filme nos remete à nostalgia desta época, em que a vida dos adolescentes converge para a sala de cinema, um "santuário" de uma era repleta de fantasias.

Quantos encontros e desencontros foram realizados dentro das salas de cinema? Quantas lágrimas na tela não foram acompanhadas de suspiros de

¹ SINAPISMO. Revista Uberlândia Ilustrada. (Arquivo Público Municipal de Uberlândia - Pasta Temática).

prazer brotados do público? O que era para os *habitués* ir ao cinema uma vez ou mais por semana?



Foto 13: Vista interna do Cine Teatro Uberlândia.

Ir ao cinema era um ato que exigia uma certa vestimenta própria. Os homens deveriam trajar terno e gravata. As moças não ficavam atrás, com os seus vestidos, colares, perfumes e maquiagem. Segundo a Dn^a. Tina “o *hall de entrada do Cine Uberlândia era um verdadeiro desfile de moda*”, pois, neste espaço, havia muitas chances de ocorrer o “início” de um namoro. Como explica o Sr. Baia: “a *função do cinema era, mais ou menos, um namoro no escuro; era a grande atração do cinema, porque no escuro tinha mais facilidade para o contato, o relacionamento amoroso.*”²

² Entrevista com Anísio Hubaide (Baia), em 08/04/1997.

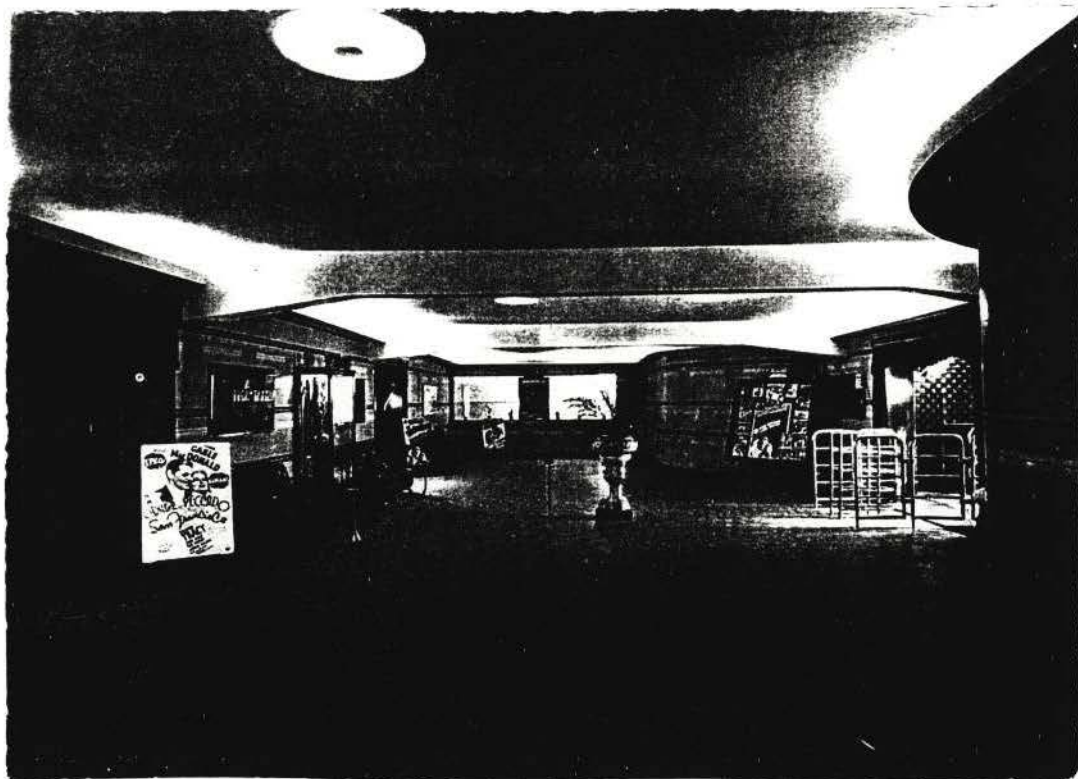


Foto 14: Hall de entrada do Cine Teatro Uberlândia.

Através da leituras dos jornais e revistas, percebemos que os cinemas eram locais bastante propícios para o início de um namoro. Karla Adriana M. Bessa, analisando os processos de crimes de sedução, coloca:

*"Nos vários processos criminais de sedução estudados, o cinema é um dos locais de namoro freqüentemente apontado pelo casal (normalmente pela vítima) como referencial ao espaço público freqüentado por ambos que, por sua vez, tornava público o relacionamento amoroso."*³

³ BESSA, Karla A. Martins. **Jogos da Sedução: práticas amorosas e práticas jurídicas - Uberlândia, 1950-1970.** Campinas: UNICAMP, 1994. p.49. (Dissertação de Mestrado).

Nas colunas sociais do “Angú de K. Roço” encontramos algumas dessas “investidas”:

“Quem será aquella garota que guardou um lugar para o Ragi, no cinema, domingo ultimo? E, depois, ficou tão nervosa por elle não ter aparecido... Não precisa zangar-se, senhorita. Isto é costume velho...”⁴

“Na sessão das moças, o Chico Barbeiro Hespanhol Martins fez força para sentar-se de bonde com a menina. Mas qual, a sogra é osso, e o Chico teve que ficar mesmo de longe, espiando com o rabo dos olhos. Pobre Chico...”⁵

“Que arrelia daquellas duas pequenas na porta do cinema, na ultima <<soirée>> das moças... e tudo por quem!... Por causa do Doquinho, o porteiro. Mas... meninas se é por interesse, desistam porque ele é simplesmente <<osso>>.”⁶

Todavia se os cinemas eram o melhor local para começar um namoro, ou pelo menos para uma *investida*, estas relações traziam também alguns aborrecimentos:

“Aqueles dois namorados que gostam tanto de brigar em voz alta, poderiam bem escolher outro lugar, para brigas, pois no cinema... Além de tudo incommoda os outros espectadores... que não gostam de brigas.”⁷

Quando lemos ou conversamos com pessoas sobre os anos 30, 40 e 50, estes anos aparecem como sendo um período “harmônico” e “tranquilo”, em que, sempre há referência à existência de um certo ar de *glamour*. Muitas vezes não paramos para fazer uma reflexão mais crítica sobre esta época. Os cinemas com suas salas luxuosas, repletas de gente bem vestida, realmente provoca um sentimento especial, mas não podemos pensar que tudo se dera “às mil maravilhas”. Por trás desse encantamento, havia também alguns desconfortos. Como podemos perceber nestas notas:

⁴ Jornal “O Repórter”, na coluna “Angú & k.Roço”, em 04/07/1937, ano 04, nº174, pág. s/n.

⁵ Jornal “O Repórter”, na coluna “Angú & k.Roço”, em 14/03/1937, ano 04, nº158, pág. s/n.

⁶ Jornal “O Repórter”, na coluna “Angú & k.Roço”, em 09/01/1938, ano 05, nº199, pág. s/n.

⁷ Jornal “O Repórter”, na coluna “Angú & k.Roço”, em 20/02/1938, ano 05, nº205, pág. s/n.

*"Um problema difícil em Uberlândia: assistir-se com calma um film no cinema. Primeiramente a dificuldade na entrada: empurrões, socos, alfinetadas, etc. <<Segundamente>>, uma vez lá dentro surge outra dificuldade: encontrar um lugar, pois os que entram primeiro reservam fileiras completas com chapéus, sombrinhas e objetos varios. E quando se consegue um lugar ainda não se pôde ficar á vontade, a não ser se leve um capacete de aço para evitar as formidaveis pedradas de <<bombons>>, atiradas por mocinhas que... Qual, bombons <<amargos>> são os do cinema."*⁸

*"O Peppe tem reclamado os actos de <<certos mocinhos bonitos>> no cinema, mas eu tenho visto peores de <<certas mocinhas também bonitas>>."*⁹

Como podemos perceber, ir ao cinema não era uma coisa tão tranqüila assim, era um espaço de uma "desordem" consentida. Porém, este não era um problema apenas dos cinemas locais, como nos informa a crônica *"O Combate de Logo Mais"* do poeta Carlos Drummond Andrade:

*"Não há nada de novo a Oeste. Mas logo mais haverá, quando a multidão excitada iniciar o ataque ao Cinema Glória, com empurrões, cócegas, apertos, descomposturas e bengaladas, como é de praxe nos dias de fita extra. E isto não é um reclame da fita mas uma advertência às pessoas que, tendo calos, não deverão tentar o assalto; ou que, sendo sujeitas a desmaios, convém que o façam munidas de um vidro de éter. Quanto aos amigos de emoções fortes, tais como lutas de box, caçada de antílopes, pugilatos, lançamento de granadas de mão, bombardeio aéreo e outros esportes violentos, esses terão um excelente ensejo para distenderem os nervos na entrada da 1ª e 2ª sessão do Glória. Por precaução, a empresa construiu um sistema de trincheiras em torno das portas, cercando-as de sacos de areia. Naturalmente, o ingresso será proibido aos menores, não porque a fita seja inconveniente, mas porque menores não têm a necessária resistência física para a 'poussée' da entrada. Há farmácias na vizinhança e o telefone da Assistência é meia-quatro-zero."*¹⁰

⁸ Jornal *"O Repórter"*, na coluna *"Angú & K. Roço"*, em 01/08/1937, ano 05, nº178, pág. s/n.

⁹ Jornal *"O Repórter"*, na coluna *"Angú & K. Roço"*, em 11/07/1937, ano 04, nº175, pág. s/n.

¹⁰ DRUMMOND, Andrade Carlos de. *Crônicas - 1930-1934*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais. 1987. p.190.

A esta “espécie” de espectadores, o poeta Vinícius de Moraes dedicará uma crônica “O Bom e o Mau Fã”, ele começa explicando que para ser *bom fã* não basta gostar de ir ao cinema, o *bom fã* deve procurar sentar nas primeiras cadeiras - conforme o cinema a que se vai - e a uma distância justa. E sobre o *mal fã*, citará alguns exemplos:

“...o grande traço do mau fã é falar no cinema. O indivíduo, ou indivíduo, que fala durante a projeção, merece a força. E os há de variegadas espécies. Há os que lêem alto os letreiros, e esses são a peste. Há os sonambúlicos, que murmuram contra o vilão, torcem pelo ‘mocinho’, avisando o herói do perigo que o espreita, engrolam pequenas frases a propósito de determinadas atitudes da heroína(...) No entanto, dentro do tipo em epígrafe, o mais irritante é o que chuchota histórias que nada têm a ver com o que está passando ali. É uma especialidade de mulheres, ... ‘Porque dona fulaninha disse, patatá-patatá, nhé-nhé-nhé, au-au-au, ela está com um vestido, minha filha, um AMOR!’ (...) Outro mau fã de grande vulto é o que senta nas cadeiras da esquerda ou da direita, ficando de três quartos para a tela. São sujeitos que têm vocação para tabela. O chupador de caramelos é outro. É tchoc, tchoc, tchoc no ouvido da gente, como se estivesse andando na lama ou coisa parecida. O barulho do papel desembulhado devagar é muito mais irritante que o desembulhar rapidamente e acabou-se a questão. E os casais enamorados, que desgraça! ‘Você gosta de mim?’ ‘Gosto!’ ‘Mas gosta mesmo?’ ‘Mesmo!’ ‘Muito!’ ‘Muito!’ ‘Mas jura?’ ‘Juro, juro, e juro pronto, tá satisfeito?’ Depois, dois suspiros fundos como os cariocas no último jogo com os paulistas (eu sou carioca, vejam lá!). E começa: ‘Mas você gosta mesmo?...’ Etc...”¹¹

Vinicius ainda alerta que a *fauna* é grande. Se fôssemos continuar citando as várias reclamações, teríamos uma lista enorme. Para não prolongar muito, gostaria de citar apenas mais uma:

“Graças a Deus, em matéria de diversões não temos muito o que lastimar. Apenas ligeiros provocados, às vezes, pela molecada que nem sempre tem obrigação de compreender o que seja uma sociedade e também por pessoas que deveriam ter um pouco de educação, mas não têm...”

¹¹ MORAES, Vinicius de. In: Calil, Carlos Augusto (org.). **O cinema de meus olhos**. São Paulo: Companhia das Letras: Cinemateca Brasileira. 1991. p. 25/26.

Hontem fui ao cinema. Grande acontecimento! Cheguei, espiei e abolei-me lá bem no centro. Mal havia me acomodado e já recebia forte balada na crêca. Um Soldado do T.G. na <<geral>> (dizem que T.G. é a elite Uberlandense...) atirava balas nos que estavam cá em baixo e com isto eu também fui no arrastão...¹²

Estudos mostram que a maioria do público do cinema nesta época era composta por jovens que desenvolviam desde cedo o hábito de ir aos cinemas, o que justifica o termo “*habitués*”¹³, tão empregado nos jornais, como referência aos freqüentadores dos cinemas. O escurinho do cinema, com as suas poltronas bem “juntinhas”, acaba criando todo um clima favorável à liberação das emoções, o que talvez sirva para demonstrar porque o cinema muitas vezes aparece como o local privilegiado para o *flert* ou o namoro. Sem contar os filmes com seus enredos “picantes” e “provocantes”, como os filmes, “Gilda”, “Casablanca”, “Desencanto”, “Vendaval de Paixões” e outros, passados na época.

Em contato com jornais e os *habitués*, percebemos como este cinema fazia-se presente no cotidiano das pessoas. Segundo a Dn^a. Bilá “*tudo era copiado do cinema, roupa, penteado, maquiagem...*”, os jornais, na figura do excêntrico colonista Angú de K. Roço, faz uma referência:

“As moças de hoje fazem tudo por parecerem atrizes cinematográficas - penteados, aumentam ou diminuem a bocca com <<baton>>, mas o Guará, aquelle barbeirinho, fazer pastinha para ser <<sosia>> do Clarck Gable, é muita vaidade, não acham? Nem parece homem!”¹⁴

¹² K. Roço. Angú & K. Roço. *O Repórter*. Uberlândia, 19 maio 1937. Ano V, nº 168, pág.s/n. (Grifos nossos). T.G. é Tiro de Guerra.

¹³ Segundo Georges Sadoul, no seu livro “*O cinema - sua arte, sua técnica, sua economia*”, os *habitués* são o tipo mais comum de espectadores das salas de cinema, este eram assim chamados devido ao fato de serem freqüentadores assíduos.

¹⁴ K. Roço. Angú & K. Roço. *O Repórter*. Uberlândia, 19 dezembro 1937. Ano V, nº 196, pág.s/n. (Grifos nossos)

Mais do que uma simples constatação da influência do cinema holywoodiano na vida das pessoas, podemos perceber também, até certo ponto, um certo *preconceito* em relação à demarcação da identidade de gênero (o ser “homem” e o ser “mulher”). Por que um homem não pode tentar se parecer com o galã Glarck Gable deixando um bigode de “pastinha”? Será que homens não podem ter vaidade? Quando o autor desta coluna tece o comentário “*Nem parece homem!*”, refere-se a um “modelo” pré-concebido de homem.

Outro ponto importante a respeito da influência dos cinemas na vida das pessoas, está ligado à forma como as pessoas usam e abusam da língua inglesa pelos filmes estrangeiros - em especial os hollywoodianos -, como o professor Pedro Bernades Guimarães fala nesta sua crônica:

“No domingo veio a <<chance>>.

*Muito tempo já, não apreciava o **footing**, da minha prezadíssima demoiselle Uberlândia.*

Demoiselle, não!

É Aliada até na língua!

*Diz á gente <<**Good bye**>>!*

*Diz á Civilização: **Forward!***

E passa alegre, sorridente, para o curso, para o cinema!

Beautiful! To live in great style!

E eu, que não sei inglês, fico na mesma!

Salvo seja! Na mesma quanto ao inglês!

Mas entendemos a alma da urbs na sua concepção moderna da existência.

A dicção da língua shckesperiana é amiudadamente aspera.

Mas nos labios graciosos da Uberlândia Juvenil, mesmo quando érrada a pronuncia, adquire tonalidade musical.

E chega a ter a suavidade de valsa, dos tempos em que Margarida Gauthier era a ultima paixão literaria do Mundo romantico.

A mocidade, inquietamente impregnada de Vitor Hugo, <<gastava>> por esnobismo o francês parisiense.

E dizia ontem na lingua universalisa de Cirano Saviniano, o gentil trovador do Barão de Bergerac o que o garoto de hoje, inspirado pela eletricidade, interroga no cosmopolitado idioma de Roosevet.

*- **Y love you?***

E o <<bonde>> na 1ª responde anglicanicamente amavel:

- Yes! My dear!

[...]"¹⁵

O professor Pedro Bernado Guimarães (1884-1948), era um homem das letras. Desde pequeno escreveu para os jornais. Nas suas crônicas ele abordava vários aspectos do cotidiano de Uberlândia, falando quase sempre com entusiasmo e admiração do “espírito” progressista da sua querida *urb.* Entre os temas de suas crônicas estão o *footing*, a vida cultural, a cidade, as avenidas - em especial a veia artéria de Uberlândia, a avenida Afonso Pena -, a literatura, as crises - falta de sal, açúcar -, um pouco de problemas sociais e os *cinemas*. Mas é sobre os cinemas que ele dedicará algumas páginas *glamourosas*.

Mas esta “*yanquinização*” da língua, da qual ele trata não está ligada apenas à questão da aliança com os E.U.A.:

“Este expresivo e exotico costume filologico, prende-se a duas fundamentadas cousas.

Na primeira, homenagem á dois vultos dos povos campeões da Democracia, contra a horda nazista.

Depois, as lições magistrais do Curso de Extensão Cultural do prof. Nelson.

E as das deliciosas películas que Nicomedes Alves dos Santos nos dá diariamente nos seus otimos cinemas.”¹⁶

Esta utilização da língua inglesa não ficará restrita às crônicas/artigos nos jornais e nas conversações informais diárias. Constatamos esta influência em alguns produtos industrializados, como o “*Boy Guaraná*” e os calçados “*Glark...*” - cujo reclame assim apresentava: “*o calçado secular que todos*

¹⁵ GUIMARÃES, Pedro Bernardes. “*Cronica da Cidade*”, **O Repórter**, 18 agosto 1943, ano 10, capa. As expressões em inglês no jornal estavam em itálico, e também as em francês. (Grifos nossos).

¹⁶ Idem.

devem usar. <<*Mundo Elegante*>> (“O Repórter”, 1943). Assim, teremos vários exemplos de neologismos formados por empréstimos do inglês, que estão ligados de certa forma ao mundo hollywoodiano. Estes são algumas vezes utilizados, segundo os especialistas no assunto, para conferir um certo “status”, mas que acabam sendo incorporados ao vocabulário popular e depois se torna difícil substituí-los, caso isso fosse necessário. Como exemplo, podemos citar a palavra **“trailer”**.

Nos anos de 1930, 40 e 50, os cinemas em Uberlândia viviam lotados, com um percentual cada vez maior de freqüentadores. Havia grandes cinemas na época, chamados pela imprensa - jornais e revistas - de *“Palácios Cinematográficos”*, como é o caso do “Cine Teatro Uberlândia”, apelidado de *“O nosso Cinema”*, e do “Cine Regente”, conhecido como *“Palácio Azul”*.

Mas, o que atraía tanto as pessoas aos cinemas? O que prendia a atenção do espectador? O que fazia com que estas pessoas deixassem o conforto dos seus lares para irem aos cinemas? Na tentativa de achar uma resposta a estas indagações já foram desenvolvidas várias teses acadêmicas, nas mais variadas áreas do conhecimento. Não temos a pretensão de dar uma resposta para estas indagações, pretendo apenas vislumbrar uma possibilidade de análise que possa elucidar um pouco a questão.

Neste período, a maioria dos filmes eram americanos, apesar do cinema nacional dos anos 40 começar a destacar-se. Sobre o cinema norte-americano e sua influência na vida cotidiana das populações urbanas nas décadas de 40 e 50, fizemos a leitura do livro de Cristina Meneguello *“Poeira de Estrelas - O cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50”*, no qual ela faz uma análise do funcionamento dos meios de comunicação de massa - em

especial o cinema hollywoodiano - e procura definir a *composição do espectador* e sua relação com este cinema:

“Não apenas os filmes, mas seus cenários e canções, as atrizes e os atores com suas roupas e penteados, as ‘fofocas de bastidores’ e o próprio ato de ir às outrora luxuosas salas de cinema: todos constituem um ciclo através do qual o cinema insere-se na sensibilidade cotidiana de seus espectadores.”¹⁷

Seu trabalho nos leva a questionar a visão quase unânime que acusa o cinema hollywoodiano de ser “imperialista”. Mas então, como ver este cinema hollywoodiano? Para Meneguello, tachá-lo de imperialista é empobrecedor, e deixar de perceber o aspecto positivo da participação do mesmo. *“Positivo não no sentido moral do termo, mas no sentido em que esse cinema foi efetivo, funcionou, veiculou padrões estéticos, de vida e expectativas, embeveceu e irritou.”¹⁸* Então, ela irá adentrar no universo dos *mass media*, mas tomando cuidado - como ela mesma coloca - em não ver na palavra “produção” o “maquiavelismo” atribuído ao meio de comunicação de massa.

Diante desta possibilidade e de outras colocadas por alguns filósofos importantes - Walter Benjamin, Adorno e Horkheimer - como analisar este cinema? Qual a teoria a seguir? Talvez o melhor é tentar trazer estas questões para discussão.

Para Adorno e Horkheimer, *“... o filme sonoro, paralisa aquelas faculdades pela sua própria constituição objetiva. Eles são feitos de modo que a sua apreensão adequada se exige, por um lado, rapidez de percepção, capacidade de observação e competência específica, por outro lado é feita de modo a vetar, de fato, a atividade mental do espectador, se ele não quiser*

¹⁷ MENEGUELLO, Cristina. op.cit. (p. orelha)

¹⁸ Idem. (p.17).

perder os fatos que, rapidamente, se desenrolam à sua frente."¹⁹ Porém, para Walter Benjamin, o cinema representou o surgimento de uma nova linguagem - fragmentada, moderna, veloz - que não pode ser encarada apenas como uma forma de dominação ideológica, pois, apesar desta conotação, há também a possibilidade de as pessoas tecerem suas críticas e controlarem as suas reações. Talvez uma colocação mais coerente para os dias de hoje seja a de Jean-Claude Bernardet:

"A interpretação desse cinema como pura alienação e manipulação provavelmente não é errada, mas é certamente insuficiente. Este enfoque carrega um certo desprezo tanto pela produção cultural industrial como pelo público de massa.[...] Afinal, se tantas pessoas gostaram desses filmes, é que eles só podiam ter algo que as interessasse. Eles propunham sonho e fantasia contra as agruras da vida? Certo. Mas, para esses sonhos e fantasias terem efeito, era necessário que eles tocassem numa vontade de sonhar, em aspirações, em medos, angústias e inseguranças que as pessoas realmente tivessem."²⁰

Realmente, se formos ver o cinema apenas como um instrumento de dominação ideológica, estaremos fazendo uma análise um tanto maquiavélica e simplista, estaremos deixando de lado um universo que é mais extenso, passível de outras análises.

Sabemos que esta é uma longa discussão, que carece de mais estudo e, como já fora colocado antes, não tínhamos a pretensão de realizar uma análise conclusiva. O que podemos perceber é esta forte participação do cinema na vida dos uberlandenses. Senhores, senhoras, rapazes, moças e crianças se viam encantados com as aventuras dos filmes passados nas tardes de domingo nas famosas *matinéés*.

¹⁹ ADORNO e HORHEIMER. op. cit. (p.165).

²⁰ BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema?**. São Paulo: Brasiliense. 1986, p.78/79. (Grifos nossos).

O CINEMA CRIC DA CIDADE
2.200 POLTRONAS

EQUIPAMENTO SONORO:
"KLANGFILM"
1 MILHÃO 800' DE MÚSICA

CINE-THEATRO UBERLANDIA

(O NOSSO CINEMA)

EMPRESA: CINE-THEATRO UBERLANDIA LTDA.

Avenida Afonso Pena
TELEPHONES:
ESCRITORIO, 280
BILHETERIA, 271
CAIXA POSTAL N. 175

A Empresa reserva-se o direito de alterar o presente programma em caso de força maior, assim como de vedar a entrada a quem julgar conveniente.

HOJE

Quarta-feira, 15 de Dezembro de 1937

INAUGURAÇÃO

- HOJE

1.ª Sessão às 6,15 horas - 2.ª Sessão às 8,15 horas

Finalmente HOJE será inaugurado solennemente o maior Palácio Cinematographico do Brasil Central, o unico que offerece todo conforto, commodidade, luxo e distincão aos amantes da selima arte.

ORDEM DO PROGRAMA:

1.0

○ Ouverture

2.0

Complemento Nacional

3.0

Metrotom

4.0

Altos e Baixos

(Filme Sportivo)

5.0

O mais esperado filme do anno.

A Chave de ouro da Metro

Goldwyn Mayer:

Rose Marie

Com Jeanette Mac Donald e Nelson Eddy, os inesqueciveis namorados cantores de "OH MARIETA".

...Ella é Rose Marie e Nelson Eddy é o sargento Bruce. Explica-se porque a interpretação da opereta de Friml, na apparatusa versão da METRO GOLDWYN MAYER tem sido um triumpho inconfundivel em todo Universo. Explica-se assim, tambem, a razão da ansiedade que toda Uberlandia sente pela estréia de "ROSE MARIE" hoje na tela do "NOSSO CINEMA".

PREÇOS:

Platão 2\$000
Balcão (Preço unico) 1\$000

Para evitar aglomeração na bilheteria, a venda de entradas será iniciada às 12 horas.
COMPRA SUA ENTRADA DURANTE O DIA

Amanhã

Às 6,15 e às 8,15

REPRISE

do Programma de Hoje

Dia 17

Estréia do Palco com a Grande Companhia de Comedias

Jayne Costa

da qual faz parte Lygia Sarmento na Temporada Official de 1937, organizada pela Comissão de Theatro do

Ministerio da Educação. Será levada à scena a extraordinaria comedia de Oduvaldo Vianna:

FETIÇO

em 3 actos e 6 quadros.

Quer ser feliz?

Aperte o Limão...

Duas horas de ininterruptas gargalhadas.

PREÇOS

Poltrona . . . 4\$400

Balcão . . . 2\$200



Figura 02: Cartaz da inauguração do Cine Teatro Ubelândia em 15/12/1937.



Foto 15: Baile de Carnaval no Cine Theatro Avenida.



Foto 16: Sala de projeção do (Éden-Cinema)

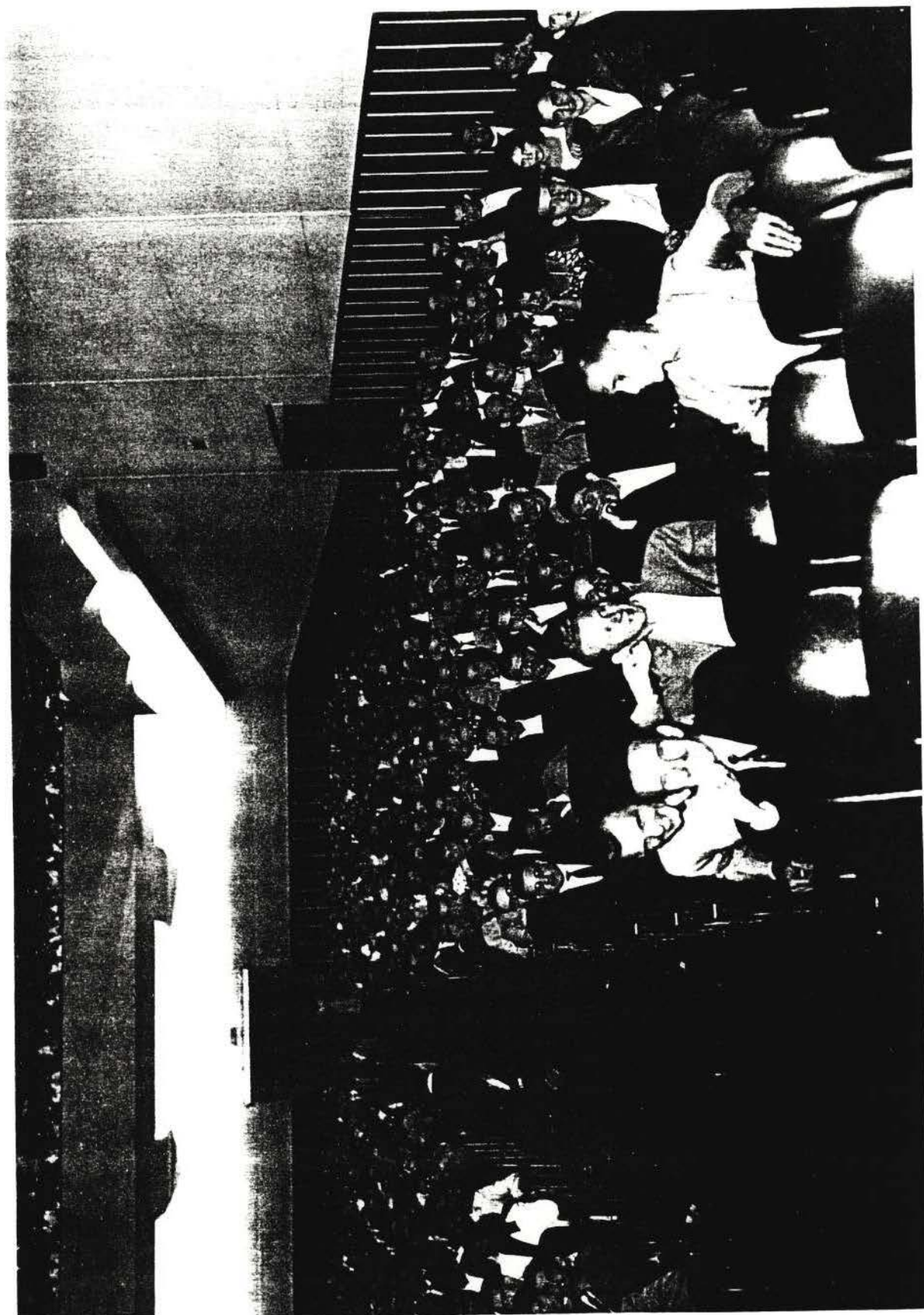
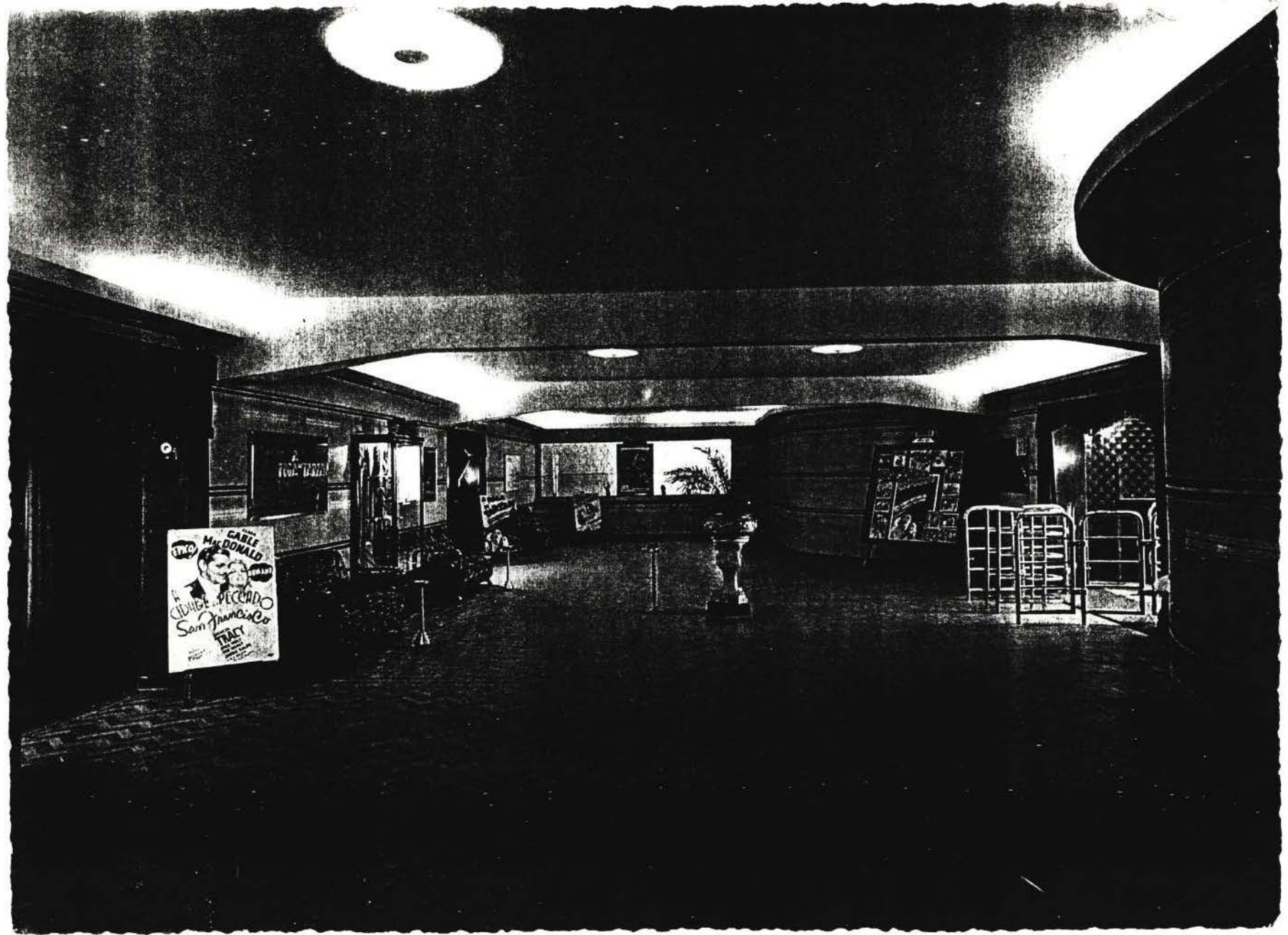


Foto 17: Sala de projeção do Cine Teatro Uberlândia provavelmente anos 50.

Capítulo III



***Nos Bastidores dos Cinemas:
tramas e jogos políticos***

A história do cinema em Uberlândia foi marcada pelo monopólio quase que absoluto de dois empresários, o Sr. Nicomedes Alves dos Santos e o Sr. Joaquim Marques Póvoa, empresários bem sucedidos, que viam neste meio de diversão uma forma excelente de multiplicar o seu capital. Este monopólio era mantido pelo envolvimento entre os donos de cinema e o poder público municipal, na concessão de alvarás, na cassação e proibição de funcionamento de alguns cinemas.

O Sr. Nicomedes era um empresário, dono de frigorífico, criador de bois e comerciante dos mesmos. Era um getulista “roxo”, chegando ao ponto de fazer uma grande festa para inauguração de um retrato do então Presidente Getúlio Vargas, contando com a presença do prefeito na época, Sr. Vasco Gilfone, como noticiou o jornal “O Repórter”, em 03 de maio de 1941.

“Efetuou-se quinta-feira às 13 horas no Cine Teatro Uberlândia, a inauguração do retrato do presidente Getúlio Vargas na sala de espera. Cheia de convidados, nessa hora, a vasta dependência da nossa casa de diversões, o Sr. Nicomedes Alves dos Santos, seu proprietário, pronunciou algumas palavras explicando a significação daquele ato e convidou o Sr. Vasco Gilffoni a presidir a sessão”¹

Segundo o Sr. Baia, a prefeitura era “um apêndice do Sr. Nicomedes”, e este financiava as eleições municipais. Prova disso é o caso do cinema dos senhores Alberto de Faria e Aluizio Ribeiro, na rua Machado de Assis, que mesmo estando em condições normais de funcionamento, fora proibido de funcionar pelo prefeito Afrânio Rodrigues. Estabeleceu-se dessa forma uma relação de favores em que, de um lado, o poder público municipal impedia que outros empresários investissem em cinemas e, de outro lado, o Sr. Nicomedes

¹ Jornal *O Repórter*, de 03/05/1941, ano 08, nº380, p. 05.

entrava com dinheiro e todo o seu poder de comunicação na promoção dos seus candidatos.

Em 1939, o Sr. Aníbal Saglia - antigo proprietário do C.T.U - entrou com um recurso contra o Sr. Prefeito Municipal, por ter concedido licença ao Sr. Domingos de Freitas para a reconstrução de um cinema na praça Antônio Carlos. Porém, este recurso foi recusado pelo então governador do Estado, Sr. Benedito Valadares, que emite o seguinte parecer, conforme noticiou o jornal “O Repórter” de 24 de setembro de 1939:

“A Empresa Saglia perdeu o Recurso/O Governo do Estado aprovou o ato do Prefeito Municipal

Nego provimento ao recurso interposto pelo Sr. Aníbal Saglia, e mantenho o despacho do Sr. prefeito de Uberlândia, de 9 de fevereiro de 1939, esclarecido e completado pelas razões de fls. 40 e elementos constantes a fls. 10, deste processo...”²

No entanto, mesmo com a solicitação do “recurso” ao governo estadual, pelo Sr. Aníbal Saglia, o “Cine Brasil” foi inaugurado em 19 de julho de 1939, cerca de um mês e pouco antes do parecer do governador sobre o recurso, com uma proposta de passar filmes de qualidade e com preços populares.

Para entendermos melhor este fato, talvez fosse preciso acompanhar alguns fatos anteriores. Na primeira edição daquele mesmo ano, este mesmo jornal havia publicado uma reportagem que falava sobre o aumento dos preços dos cinemas do Sr. Saglia, a partir de 01/01/1939. No entanto, a reportagem traz ainda o seguinte:

² Jornal “O Repórter”, de 24/09/1939, ano: 6. nº 284. capa

"[...] O interessante, porém, é a razão alegada pela Empresa, para justificar os dez e os vinte por cento do aumento feito..."

Quem leu os avisos espalhados pelas ruas da cidade, carrega toda a culpa na Prefeitura Municipal.

Não estamos fazendo a defeza da administração local.

O nosso intuito é esclarecer ao publico essa historia de gato sem cachorro...

O imposto de diversões, incidido sobre os ingressos, não foi alterado e nem vae ser, segundo nos informaram.

É exigido á razão de 10% sobre o valor dos bilhetes de diversões, desde que foi creado.

Até hontem, a Empresa que explora o ramo de cinemas, pagou esse tributo sem sacrificar o povo.

Eis que agora, procurando culpar a Prefeitura, deixando transparecer elevação de tributo, exige dos <<habituées>> o pagamento do sello de diversões...

*É sabido que os uberlandenses são verdadeiros apreciadores do cinema, na falta, talvez, de outras distrações..."*³

Dando continuidade a esta reportagem, o jornal também irá descrever qual é a renda auferida pela Fazenda Municipal, afirmando que diariamente a economia do povo é desfalcada da importância de 2:000\$000, que passam para os cofres da Empresa Saglia, que proporciona um movimento mensal de 60:000\$000, feito exclusivamente com ingressos de a 1\$000 e 2\$000. Assim, indaga o jornal, o que vai ser agora, com os ingressos a 1\$200 e a 2\$200, mais o de 3\$400? O lucro seria então acrescido de 6 contos, sem falar nos <<CHEQUES>>. Esta reportagem termina com o seguinte desabafo: *"Felizmente, corre na cidade uma(...), que teremos dentro em breve mais uma casa de diversões, de propriedade do conhecido empresario J. Peppe./O <<Cine Para-Todos>>, assim se denominará, virá trazer muita dôr de cabeça e dar na cabeça de muita gente..."*⁴

³ "CINEMAS...". *O Reporter*, 01/01/1939, ano: 6, nº 246, capa.

⁴ *Idem*. O Cine Para-Todos anunciado nesta reportagem é o Cine Brasil inaugurado em 19/07/1939.

Menos de um mês depois da perda do recurso, o Sr. Saglia vende o C.T.U. ao então empresário Sr. Nicomedes Alves dos Santos, segundo o Sr. Baia *“a preço de banana”*.

Mas esta concorrência entres os cinemas do Sr. Nicomedes Alves dos Santos e o Sr. Peppe durou pouco. Logo o Cine Brasil fechou. O jornal “O Repórter” trouxe uma reportagem lamentando o seu fechamento, pois o mesmo vinha abrilhantando a cidade com filmes de altíssimo nível, com novidades que passavam por aqui antes mesmo de passar por muitas capitais, como Belo Horizonte, um exemplo é o filme <<Rebecca>>.

Nos anos de 37, 38 e 39 foi inaugurado um cinema por ano, chegando ao ponto de os jornais encararem este aspecto com certa desconfiança, duvidando se Uberlândia comportaria tantos cinemas. Este período foi marcado com a concorrência entre o Cine Teatro de Uberlândia - o cinema chic - o Cine Avenida e o Cine Éden, do Sr. Joaquim Marques Póvoa, sobre a responsabilidade do Sr. José Peppe. Assim, para atrair mais espectadores estes cinemas começaram a fazer certas promoções, como entregas de brindes e sessões especiais, tais como: “sessões das moças”, “sessões dos operários” e os conjuntos contratados para tocar antes das exhibições dos filmes, como forma de atrair público.

Então, segundo o Sr. Baia *“o Eurico Grund [gerente do C.T.U.] distribuía balas, o José Peppe [gerente dos cines Avenida e Éden] também passou a distribuir balas; o José Peppe começou a dar flores para moças no cinema, o Eurio Grund também começou a dar botões de rosas”*⁵. Neste período os cinemas faziam quase tudo para atrair os seus espectadores, com suas salas luxuosas e confortáveis.

⁵ Anísio Hubaide(Baia), op.cit.

Há neste período uma “forte aliança” entre os donos de cinemas e os comerciantes, no qual os cinemas funcionavam como divulgadores dos produtos e bens comercializados pelos comerciantes locais. O sorteio de brindes entre as moças que fossem à “Sessão das Moças”, por exemplo, era um dos artifícios utilizados. Observe-se o seguinte anúncio:

*“O commercio e a empreza **associam-se** com uma só finalidade, proporcionando aos <<habitués>> uma possibilidade de ganhar lindos presentes, aquilatando-se do **espírito** <<yankisado>> dos proprietarios dos estabelecimentos chics da cidade, que fazem propaganda dos artigos que vendem, de uma **distinta e moderna maneira**.”⁶*

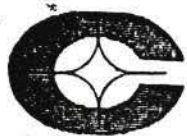
Ninguém pode negar a grande contribuição do cinema para vendas de certos produtos, tais como eletrodomésticos - geladeiras, fogões, máquinas de lavar roupa; produtos de beleza - cremes, batons, loções, sabonetes; automóveis; cigarros e vários outros produtos. O que ocorre neste caso é a utilização do espaço físico do cinema para a divulgação e publicidade de produtos, de acordo com o “espírito yankisado” de uma forma “distinta e moderna”, assim se dá a participação deste na formação de uma cultura de consumo.

Também como forma de ilustrar esta questão vejamos a seguir um folheto que era entregue na porta dos cinemas com a programação dos mesmos, no qual vemos ao lado da programação o comercial do refrigerador *Chapiom*.(Figura 03)

Este exemplo serve bem para ilustrar como o espaço social dos cinemas juntamente com as suas formas de divulgação ajuda a “criar” e “desenvolver” necessidades, isso sem falar nos filmes. Este cinema, que às vezes pode ser

⁶ Jornal *O Repórter*, em 13/02/1938, ano 05, nº 204, p. 02.

encarado como a “janela para o mundo”, se apresenta carregado de possibilidades e perspectivas junto a um mundo moderno que preconiza o desenvolvimento e o progresso a qualquer preço.

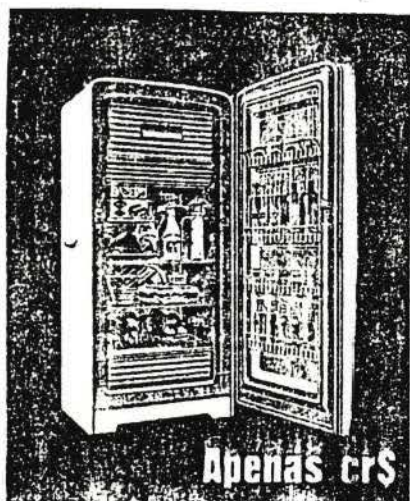


Vale muito mais!

HAMPION

TRIUNFO SUPER-LUXO 9.5 PÉS

Custa muito menos



SEM ENTRADA

**E' INCRIVEL... MAS
E' VERDADE**

O Refrigerador CHAMPION

— Ainda não Subiu —

2.891,00 mensais

A Escolar

A Casa mais querida da Cidade - Praça Tubal Vilela, 93

Programação para
o mês de
JULHO 1961

Diversões Triângulo Mineiro S/A

Cine Uberlândia Fone, 2821 — Cine Eden Fone, 2640

**SEMPRE O MELHOR
PROGRAMA
DA CIDADE**

[illegible]

Figura 03: Folheto entregue pelas funcionárias dos cinemas ao
espectadores na saída dos cinemas.

3.1 - O Progresso, A Notícia e O Repórter

A imprensa exerceu um papel preponderante na divulgação dos cinemas locais, pois divulgava a sua programação semanal, os shows, as peças de teatro, os encontros e as apresentações das orquestras nacionais e estrangeiras que por aqui passavam. Desde 1908 temos registro da passagem de um cinematógrafo na cidade, o “Cine Polyteama”, no jornal “O Progresso”. Este logo aparece enquanto um *símbolo* de progresso. Para melhor exemplificar a relação entre “cinema/progresso” escolhemos alguns trechos de artigos sobre a inauguração Cine Teatro Uberlândia.

O Jornal “O Repórter” de 17/12/1937, ano 07, nº 295, capa.

“A capital do Triângulo Mineiro pode orgulhar-se em possuir um cinema à altura do seu progresso e das suas possibilidades.”

O Jornal “A Tribuna” de 15/12/1937, ano XX, nº 1165, p.04.

“Uberlândia, em péso, tem o máximo prazer de assistir, hoje, à inauguração solene do seu novo cinema, que será o orgulho da cidade e o índice do seu progresso.”

Este mesmo jornal traz em 18/12/1937 a seguinte colocação:

“Uberlândia em grande gala. A consagração do Cine Teatro Uberlândia, no seu ato inaugural.”

A reportagem segue dando detalhes da solenidade inaugural e tecendo alguns comentários como este:

“A iluminação do nôvo cinema está um encanto, abrilhantando a sua pintura moderníssima e o seu luxuoso mobiliário. — ‘Aquilo é um céu aberto’, afirmava um espectador maravilhado, ao nosso redor.”

Assim, a imprensa noticiará a inauguração do *cinema chic*, o Cine Teatro Uberlândia - “Nosso Cinema” -, o maior *Palácio Cinematográfico* do Brasil Central, o *único que oferecia todo conforto, comodidade, luxo e distinção aos amantes da sétima arte*. Porém, o *nosso cinema* reservava o direito de alterar a programação em caso de força maior e vedar a entrada de quem julgar conveniente, conforme podemos constar no cartaz inaugural (Figura 02, p. 67).

A cada novo cinema que se abria, saía uma reportagem especial, divulgando o fato, falando sobre suas programações e muitas vezes até apelando para o público, que deveria saber compreender o esforço destes empresários e apoiá-los, freqüentando seus estabelecimentos.

No caso do Cine Teatro Uberlândia, o jornal “O Repórter”, desde o seu início, trazia congratulações à pessoa do Sr. Aníbal Saglia. Porém, irá se revelar contra o mesmo, a partir de 1939. Mas este fato passa até meio despercebido, se lembrarmos que o Sr. Saglia irá vendê-lo em breve ao Sr. Nicomedes Alves de Souza. Em 08 de novembro de 1939, o jornal “O Repórter” traz a manchete “Artes e Diversões / A nova direção e propriedade do Cinema T. Uberlândia”, cujo autor elabora um quadro da situação econômica da cidade:

“[...]Transação tão vultosa, em epoca que passa como de <<aperturas>>, é significação bastante da confiança que a nossa gente deposita no futuro economico de Uberlândia, aonde ainda não se fez sentir, por quebra de continuidade da sua crescente evolução, os rigores da crise que assoberba outras praças.[...]”¹

¹ ARTES e Diversões. Jornal “O Repórter”, 08/10/1939, ano: 06, nº 286, p.2.

Neste período o país estava passando por uma forte crise financeira, durante a qual chegou a faltar alguns gêneros alimentícios. Há várias reportagens falando da falta de alimentos, dos aumentos descabidos de alguns produtos, mas, apesar desta crise, os cinemas sobrevivem com um público, conforme já foi dito, de 499.500 freqüentadores no decorrer do ano de 1939, um número bem expressivo para uma cidade com cerca de 18.000 habitantes. Assim, segue a reportagem a fazer elogios ao Sr. Nicomedes, pela sua coragem em entrar para esse ramo de diversões, os cinemas. Um ramo que não oferecia compensadores lucros, conforme o texto abaixo:

*O industrial Nicomedes Alves dos Santos dá, com a efetivação desse importante negocio, testemunho do seu desejo de impulsionar o nosso progresso, concorrendo para ampliar o volume da contribuição tributaria dos uberlandenses, não se intimidando com o nosso porvir, **empregando tão grande capital em um ramo de actividade que não oferece, a nosso ver, compensadores lucros á vista do rumo que pretende dar aos seus negocios.** [...]"²*

O Sr. Nicomedes Alves dos Santos foi um dos propulsores da indústria de charque na cidade. Comerciante de bois, atuava em vários setores do comércio, tendo seu nome sempre lembrado nas reportagens de final de ano como um grande empreendedor que luta para o desenvolvimento local. Certamente ele não iria investir seu capital em um negócio que não fosse rentável. O que contradiz a fala do Sr. Baía citada antes (página 76).

² Jornal "O Repórter", 08/10/1939, ano: 06, nº 286, p.2 - Sessão: Artes e Diversões. (Grifos nossos).

Daí para frente, voltaremos a ver a imprensa de mãos dadas com os cinemas, uma vez que o Sr. Nicomedes faz a gentileza de conceder passe livre à imprensa. O jornal "O Repórter" publica o seguinte artigo:

"Embora não nos causasse surpresa, reforçou-nos, entretanto, o conceito que fazíamos do proprietário da empresa do Cine-Theatro Uberlândia, o seu gesto constante do oferecimento ao nosso jornal de uma permante para os espectáculos dos cinemas Uberlândia e Eden.

*Se ha, ainda, quem desconheça o valor da imprensa e a sua efficiente collaboração no desenvolvimento de todas as actividades humanas, consubstanciada no factor propagação, avulta entretanto, o numero dos que, como o Sr. Nicomedes dos Santos, emprestam-lhe o seu apoio e reconhecem-lhe a parcella de importancia, resultante do cumprimento do **seu sagrado dever de orientadora da opinião publica, porta-voz da collectividade, paladina das boas causas, apontadora de deslises e erros graves dos responsaveis pela cousa publica, pela manutenção da ordem e pela perfeita distribuição da Justiça**; enfim, o resultado do desempenho dos varios e complexos deveres á cargo da **arma poderosa que se intitula imprensa**"*³

Esta imprensa, que se auto institui como uma arma poderosa, tendo o sagrado dever de orientar as opiniões, porta-voz da coletividade, paladina das boas causas, apontadora de deslizes e erros graves dos responsáveis pelas causas públicas, não irá medir esforços para manter vivo o discurso da "ordem" e do "progresso", também se preocupando em manter a moral e os bons costumes. Segundo Jane de Fátima S. Rodrigues,⁴ se tomarmos como correta a premissa de que o desenvolvimento de Uberlândia se deve a seus três padrinhos - a Companhia Mogiana, a Ponte Afonso Pena e a Companhia Mineira Auto-Viação Intermunicipal -, teríamos proporcionalmente, como

³ Jornal "O Repórter", 15/10/1939, Ano: 6, nº 287, capa. (Grifos nossos).

⁴ RODRIGUES, Jane de Fátima Silva. *Nas Sendas do Progresso: trabalho e disciplina em Uberlândia, um percurso histórico*. In: *Cadernos de História Especial*. Uberlândia, v.4, n.4, jan. 1993. p.09-16.

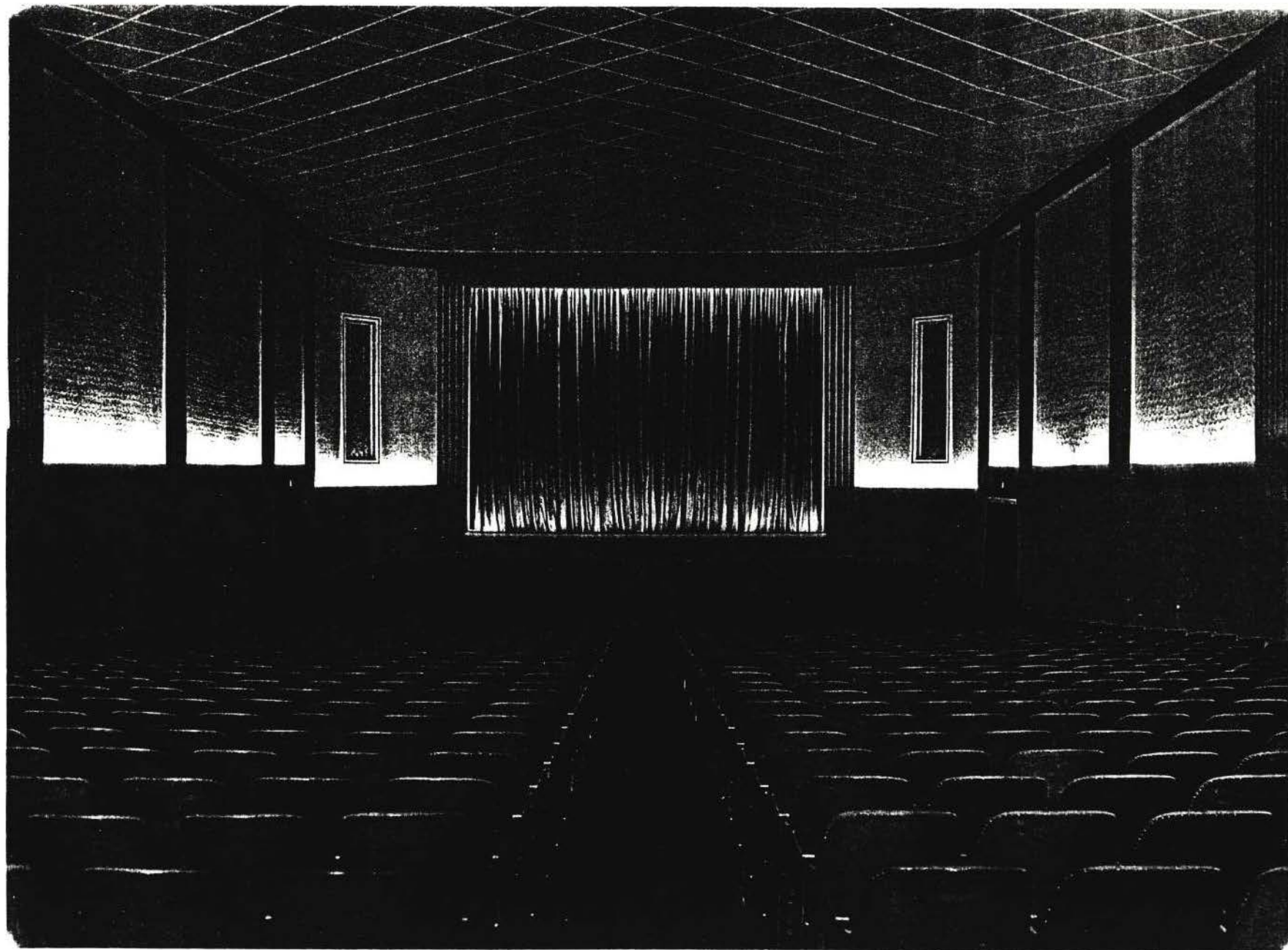
madrinhas, a política, a imprensa e a polícia. Onde, segundo ela, coube à imprensa dar o aparato ideológico, imprimindo os conceitos éticos e *morais*.

Segundo Agnes Helles, a moral se define da seguinte forma: *“Uma das funções da moral é a inibição, o veto. A outra é a transformação, a culturalização das aspirações da particularidade individual. Isso não se refere apenas à vida do indivíduo, mas também à da humanidade. Por mais intenso que seja o esforço ‘transformador’ e culturalizador da moral, não se supera sua função inibidora e essa se impõe na medida em que a estrutura da vida cotidiana está caracterizada basicamente pela muda coexistência de particularidade e genericidade.”*⁵

As mensagens publicitárias que a imprensa publicam diariamente, para promover alguns produtos e/ou o comércio local, estão impregnadas de valores morais, que acabam inibindo o indivíduo e criando neste determinadas aspirações/desejos.

⁵ Idem. Ibidem. (p. 23).

Considerações Finais



Os cinemas foram imprescindíveis para a divulgação de novas formas de comportamento, que vão desde os ideais estéticos até os valores morais, onde os “palácios encantados” completavam as fantasias promovidas pelos filmes, através das suas salas luxuosas, nas quais as pessoas entravam em contato com um “mundo novo”.

Hoje os cinemas não conseguem mobilizar grandes contingentes humanos como antigamente, não são mais o *locus* privilegiado da *sociabilidade* dos uberlandenses, as opções de diversões se multiplicaram, e não vemos mais aquela movimentação. Hoje, o núcleo de encontro da sociedade uberlandense não é mais a Av. Afonso Pena com os seus bares, suas lojas, seus restaurantes, suas livrarias, seus bancos e seus cinemas, não temos mais o *footing* das tardes de domingo, com o trânsito interrompido para as pessoas passearem à vontade.

Os locais de sociabilidade mudaram e com eles as formas de se relacionar. Não queremos ser saudosistas, mas tentamos trazer à luz um tempo impregnado por sonhos e fantasias, em que havia mais possibilidades de sonhar, acreditar no mundo belo e ingênuo das telas. Quando o cinema se apresentava como *evasão* dos problemas diários, um sedativo contra os males da vida e, sobretudo, um local de *sociabilidade* propício aos encontros amorosos.

Os cinemas perderam o *status* de principal ponto de entretenimento para as pessoas, veio a TV e a vida tornou-se cada vez mais “agitada”. Hoje, a violência do mundo contemporâneo tem levado o homem ao isolamento social, fazendo com que ele, às vezes, prefira uma realidade virtual em lugar de aceitar o risco dos relacionamentos sociais. Mas os sonhos destes *tempos idos* ainda estão remanescentes no imaginário de algumas pessoas, pois o *fascínio* dos signos dos cinemas deste período ainda permanecem nos nossos dias. Os modelos estéticos daquela época ainda sobrevivem, mesmo que em ruínas.

Segundo a Cristina Meneguello “*A referência às estrelas independe hoje, por exemplo, da remissão aos filmes - Marilyn Monroe, Greta Garbo, John Wayne e James Dean, apenas para citar alguns, passam a fazer parte de um circuito que emana da permanência de uma ‘imagem’ e do que a ela se associa, o que permite que possam ser reconhecidos mesmo que jamais se tenha visto qualquer de seus filmes.*” (MENEGUELLO, 1996, p. 178).

Portanto, todo o saudosismo presente na fala das pessoas que viveram este “período áureo dos cinemas” não pode ser visto simplesmente como resultado de um domínio dos meios de comunicação de massas. Precisamos compreender estes espectadores através dos seus depoimentos e das suas experiências concretas de vida, impregnadas pelos símbolos trazidos por esta “*modernidade transformadora*”.

Bibliografia

Jornais

- O Progresso - 1907/1912 e 1914
- A Notícia - 1918
- A Tribuna - 1919/1943
- O Repórter - 1935-1952
- Correio de Uberlândia - 1937-1952

Revistas

- Uberlândia Ilustrada - 1939/1952
- Elite Magazine

Relação dos(as) Entrevistados(as)

Anísio Jorge Hubaide (Baia)	Entrevista em 09/04/97
Bilá Salazar Drumond	Entrevista em 25/03/97
Benedita (Tina)	Entrevista em 15/05/97

ILUSTRAÇÕES

Capa. Vista interna do Cine Teatro Uberlândia - Foto do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Folha de rosto 01 - Cine Theatro São Pedro - Foto do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Folha de rosto 02 - Avenida Afonso Pena em frente ao Cine Theatro Avenida (final da década 20) - Foto do Arquivo Público Municipal de Uberlândia

Folha de rosto 03 - Hall de entrada do Cine Teatro Uberlândia - Foto do Arquivo Público Municipal de Uberlândia

Folha de rosto 04 - Sala de projeção do Cine Regente - Foto do Arquivo Público Municipal de Uberlândia

- ACERVO PARTICULAR

Figura 03. da Dn^a Tina. [Gentilmente concedida]

- FOTOS DO ARQUIVO PÚBLICO MUNICIPAL DE UBERLÂNDIA

Fotos: 02, 03, 05, 06, 07, 08, 09, 13, 14 e 17.

Figuras: 01 e 02.

- FOTOS DO ARQUIVO DO CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM HISTÓRIA - CDHIS.

Fotos: 01, 04, 10, 11, 12, 15 e 16.

LIVROS E ARTIGOS

ADORNO Theodor W. e HORKEIMER, Max. **A indústria cultural: O Iluminismo como mistificação de massas.** In: Dialética do Esclarecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALEM, João Marcos. **Representações coletivas e história política em Uberlândia,** In: História e perspectivas. Poder local e representações coletivas. Revista do Curso de História. Uberlândia, UFU, nº 4 jan/jin, 1991. pag. 153-158.

ARAÚJO, Vicente de Paula, **A Bela Época do Cinema Brasileiro.** São Paulo: Perspectiva, 1976, 418 p.

BESSA, Karla A. Martins. **Jogos da Sedução: práticas amorosas e práticas jurídicas - Uberlândia, 1950-1970.** Campinas: UNICAMP, 1994. (Dissertação, Mestrado).

BENJAMIN, Walter. **Sobre alguns temas em Baudelaire.** "A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução" In: Benjamin, Horkheimer, Adorno, Habermas: Os Pensadores vol. XLVIII, São Paulo: Victor Civita, 1975.

_____. (org.). FERNANDES, Florestan. In: Coleção Grandes Cientistas Sociais. **Teses sobre Filosofia da História.** São Paulo: Ática, 1985, p. 153/164.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema?**. São Paulo: Brasiliense, 1986. 128p.

CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola ...[e tal]. **Folhas do Tempo: Imprensa e cotidiano em Belo Horizonte 1895-1926**. Belo Horizonte: UFMG/Associação Mineira de Imprensa/Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, 1997. 240p.

COSTA, Antônio. **Compreender o Cinema**. Tradução por Nilson Moulin Louzada. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

DRUMMOND, Andrade Carlos de. **Crônicas - 1930-1934**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais. 1987. p.190.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Tradução por Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 143 p.

GARCIA, Renísia Cristina. **100 anos de Cinema**. Secretaria Municipal de Cultura. Arquivo Público Municipal de Uberlândia, 1995(mimeo).

GUILHERME, José C. e TORRES, Lilian de luca (orgs.). **Na Metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Universidade de São Paulo/ Fapesp, 1996. 319p.

GOMES, Paulo Emílio Sales. **Cinema Trajetória: no subdesenvolvimento**, São Paulo: Paz e Terra, 1996. 111 p.

HELLER, Agnes. **O Quotidiano e a História**, Tradução por Carlos N. Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972, 121 p.

- MENEGUELLO, Cristina. **Poeira de estrelas: o cinema Hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- MENEZES, José Rafael de. **Caminhos do cinema**. Rio de Janeiro: Agir, 1958. 187p.
- METZ, Christian; **História / Discurso: nota sobre dois voyeurismos**. In XAVIER, Ismail (org.); A experiência do cinema: antologia. vol. nº 5, Rio de Janeiro: Graal: Embrafilme, 1983, p. 401/410.
- MORAES, Vinicius de. In. Calil, Carlos Augusto (org.). **O cinema de meus olhos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991. 310p.
- PRIEUR, Jérôme (org.). **O espectador noturno**. Tradução por Roberto Paulino. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. 261p.
- RAMOS, Alcides Freire. **Cinema e História: uma abordagem teórico-metodológica**. In: IX Encontro da ANPUH. Ouro Preto: ANPUH, 1994, p. 127/140.
- RODRIGUES, Jane de Fátima da Silva. **História e Memória Local: Desafios e Perspectivas**. Uberlândia, 1995. (mimeo).
- _____. **Nas Sendas do Progresso: trabalho e disciplina Uberlândia, um percurso histórico**. In: Cadernos de História Especial. Uberlândia, v.4, n.4, p.09-16, jan. 1993.

SADOUL, Georges. **O Cinema: sua arte, sua técnica, sua economia**. Tradução por Alex Vianny. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1954.

SANTOS, Regma Maria dos. **A História e o Efêmero: o cotidiano que se tece no jornal**. In: I Encontro de Pós-Graduandos em História, 1996, Uberlândia, Anais...Uberlândia: Gráfica da UFU/Centro de Documentação e Pesquisa em História, 1996, p.87-101.

UNIVERSIDADE Federal de Uberlândia. Núcleo de Pesquisa e Documentação em História e Ciências Sociais. Inventário da Coleção "**João Quintuba**". Uberlândia, 1989. 129p.

XAVIER, Ismail. **Sétima Arte: um culto moderno**. In: DEBATES. São Paulo: Perspectiva, 1978, p. 140/166.

_____. (org.). **A Experiência do Cinema: antologia**. vol. nº 5, -Rio de Janeiro: Graal: Embrafilme, 1983. 476p.